ILUSTRAÇÃO

N.º 302 — 13.º ano

16-JULHO-1938

PREÇO-5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS** Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE **XENOFONTE**

Trad. e prefacio de AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 352 págs., broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair a 6.ª edição, corrigida

EDIFICAÇÕES

Pelo Eng.º **JOÃO EMÍLIO DOS SANTOS SEGURADO**

Sumário: O projecto de uma casa — Distribuïção interna das habitações — Ordens arquitectónicas — Arcadas, pórticos, frontões, etc.

1 vol. de 260 págs., com 221 gravuras, encad. **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **Esc. 19$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes. Banhos CARBO-GAZOSOS. Duches. Irrigações. Pulverizações e Inalações. etc.

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 — Telef. E. 402 (P. B. X.)

As imitações..

.. valem menos do que custam- a Cafiaspirina custa menos do que vale.

Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

AOS SRS. ADVOGADOS

Propriedade Literária, Científica e Artística

Decretos n.os 13.725 e 5.693 — Convenção de Berna — Adesão à Convenção de Roma — Legislação interna e duração do direito de propriedade literária nos diferentes países

Compilação e revisão do **DR. CARVALHO MAIA**
Conservador do Registo de Propriedade Literária

1 vol. de 94 págs., broch. ..... **7$00**
Pelo correio à cobrança ..... **8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

À VENDA

A 2.ª EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**
Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 3.ª EDIÇÃO CORRIGIDA DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel GUEDES VAZ
Antigo professor de Topografia
e Tenente-coronel MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. ..... **22$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA,
o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **13$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 302 — 13.º ANO
16-JULHO-1938

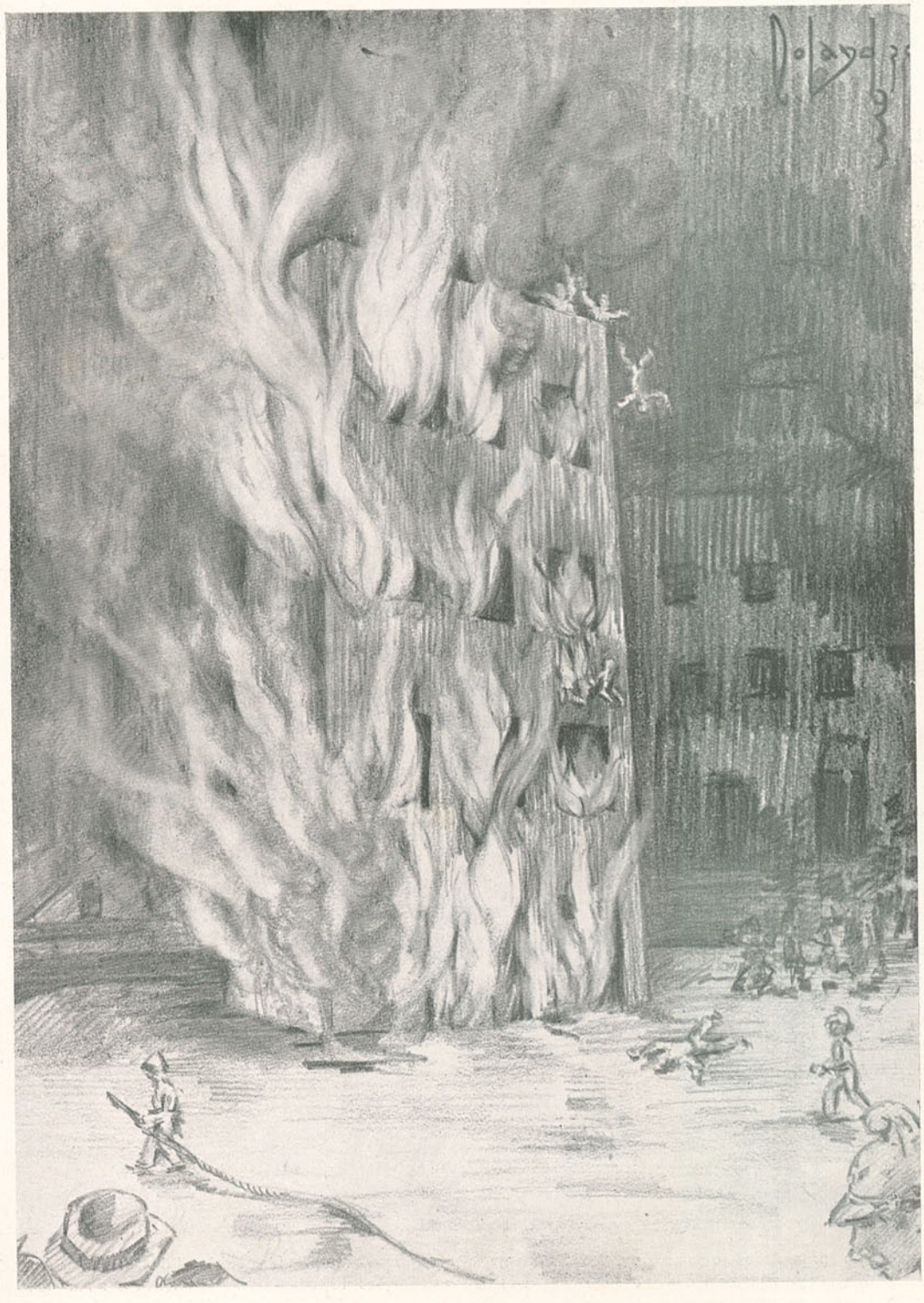
ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A HORROROSA CATÁSTROFE DE COIMBRA



Uma emocionante e fiel reconstituïção da tragédia da Praça da República, feita pelo ilustre artista conimbricense Rolando Matos

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Um grupo de alunas do Colégio Parisiense que apresentaram trabalhos na exposição dos lavores do curso durante o ano. — *À direita:* A assistência ao banquete da missão comercial portuguesa a Cuba na legação desta nação. Este jantar de honra, que foi oferecido pelo sr. encarregado dos negócios da República Cubana, e sua esposa, senhora de Arce, decorreu com o maior brilhantismo.

Os antigos alunos da Escola Politécnica reüniram-se numa interessante festa evocativa da sua vida académica, na Casa das Beiras. Foi uma reünião encantadora pelo cunho de evocação dos tempos alegres da mocidade que nunca mais voltarão. A gravura acima mostra a antiga tuna e os antigos alunos com os seus instrumentos e as suas saüdades.

Um dos cavalos mais bem apresentados no concurso de condutores de carroças, organizado pela Liga Nacional de Defesa dos Animais. Teve êste certame por fim premiar os que apresentassem cavalos e muares em melhores condições de tratamento. — *À direita:* O sr. major Mousinho da Silveira com algumas das pessoas que o aguardavam na estação do Rossio, à sua chegada do Concurso Hípico Internacional de Londres.

A ÉPOCA DOS EXAMES

Nesta quadra do ano começam as grandes aflições dos alunos. Exames à porta! Os alunos do Liceu Passos Manuel preparam-se para a terrível prova

Sete alunos que trocam as suas impressões e os seus palpites, lembrando-se tardiamente das horas que perderam tão levianamente durante o ano

Na Faculdade de Ciências também se sofre, como se vê. O que irá passar-se, cientificamente falando?

As alunas de instrucção primária entram em confidências, revelando as suas esperanças e as suas incertezas. Em baixo: No Liceu do Carmo

No Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho parece haver alegria, mais é só para iludir o fotógrafo. Naqueles corações só Deus sabe o que vai! Mas assim começa a luta pela vida! Acalentam-se esperanças, sofrem-se contrariedades, pungem-se desilusões... Daqui a alguns anos, essas jovens transformadas em senhoras, hão de sorrir dos seus sustos dos saüdosos tempos do Colégio... E a vida continuará...

ACTIVIDADES GERMÂNICAS

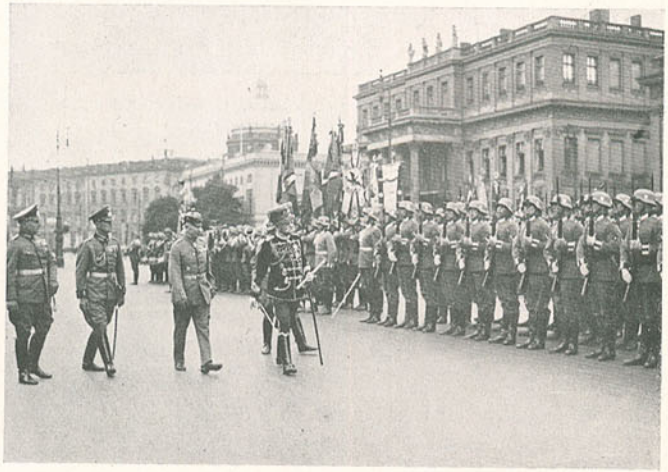
Na Alemanha está sendo intensificada uma grande campanha a favor da melhoria de disciplina do trânsito. A gravura acima mostra uma imagem da desordem que tem por base — o peão distraído

A gravura acima mostra os efeitos dum choque entre um taxi e um camião, sendo êste desastre provocado também pela distracção de um dos seus condutores. Estes factos são focados como exemplo

Um grupo de bailarinos jugoeslavos mostrando em Lustgarten, em Berlim, os seus trajos e os seus bailados nacionais ante uma selecta multidão que aplaude entusiasticamente

No 38.º Congresso da «Fédération Aeronautique Internationale», realizado em Berlim, os congressistas admirando os magníficos bisontes que se encontram no seu cerrado da Schorfheide

Nos distritos mais ricos em paisagens pitorescas circularão diligências como nos tempos passados. A gravura acima mostra uma diligência bávara com o seu postilhão de jaqueta azul, fazendo a sua carreira romântica



No 125.º aniversário do regimento de infantaria n.º 21, vendo-se o feld-marechal von Mackensen passando revista à companhia de honra de infantaria von Borcke. Enfim, tudo adentro da disciplina germânica

JUDEUS POLACOS

«O êxodo», gravura em madeira por Ioung

Não me recordo de quem são estas palavras, escritas ou pronunciadas num instante de grande emoção: "A situação dos judeus polacos constitui a prova de que a humanidade não avança: — regressa ao caos e à miséria».

Quem assistiu ao êxodo de centenas de judeus polacos e se misturou propositadamente com êles, procurando adivinhar a miséria e a fé que destrói e anima, corrói e movimenta de fronteira para fronteira, de país para país, de continente para continente, centenas de famílias indocumentadas e possuindo, como único bem, o bilhete de passagem, cedido por uma Associação de caridade; quem observou a vida dêsses aglomerados humanos, vencidos pela tempestade e pelo ódio, pela luta de raças e de ideologias, aglomerados constituídos por velhos, crianças, mulheres, pequenos comerciantes, intelectuais, médicos, advogados, engenheiros, professores, rapazes expulsos das escolas, todos judeus sem dinheiro, poderá compreender e sentir o drama dessa pobre gente que a polícia de todos os Estados persegue e expulsa, indiferente à tragédia que os dizima e os atira, aos encontrões, de porão para porão, na descoberta de lugar tranqüilo e seguro.

Os povos, os Estados calmos e organizados, ou aqueles cuja emigração é carreada pela amizade, pelas afinidades, e pela tradição, não sentem, não aprofundam o drama desta pobre gente.

Alcunhados de indesejáveis, de agitadores, de elementos cáusticos e dissolventes, expulsos da pátria cuja independência ajudaram a cimentar, considerados por todos como elementos perigosos, e pelos judeus com dinheiro como miasmas do anti-judaísmo, os judeus polacos, atirados pela fatalidade e pelos *pogromos* para a lama da emigração, viajando de país para país, quási sempre sem dinheiro para comer, habituados a tôdas as misérias, e quantas vezes servindo-se delas para matar a fome, constituem um bando, apodado de todos os crimes, que a vida rola e destrói, desfaz, corrompe, desgasta ou conduz a Nova York, pátria dos judeus sem dinheiro.

Contudo, quando essa massa heterogénea, constituída por elementos bons, neutros ou suficientes, gente que sofre e gente sombria, se fixa e agarra à terra, e a deixam medrar, usufruir meios de subsistência, ganhar a vida entre os naturais do destêrro, do exílio, e educar seus filhos, sim, quando a deixam viver e respirar livremente, essa massa heterogénea, constituída por farrapos humanos, consegue vencer e dar ao mundo alguns dos homens de que a humanidade se orgulha. Não preciso citar nomes, ou argumentar com Freud, Bergson, Einstein, nomes — vitrines, nomes — cartazes, de todos conhecidos e por todos admirados.

Não preciso ir buscar nomes aos melhores nomes alemãis, austríacos, checos, ingleses e americanos, Sokolow, Dubnow, Jéhouda, Weitzeman, Lehman — Rosamond Lehman é uma das maiores romancistas inglesas, e do mundo! — e tantos outros nados e criados no seio, no ventre dessa massa heterogénea que os *pogromos* e as lutas de raças atiraram para fora da Polónia, das pequenas aldeias fronteiteiriças da Rússia, da Estónia e da Letónia, do extremo do oriente europeu, e sofreu, saltando de país para país, até à fixação e adaptação, a maior das misérias.

Quanto sofrimento, quanta luta! Vocês esquecem que a pior das misérias é a da emigração.

São de um velho filósofo grego estas palavras: "... il y a peu de formes de misère plus dures que celles qu'endure une famille de réfugiés».

Homens, mulheres, crianças, farrapos humanos, bôcas famintas, mãis que se humilham para dar de comer ou para educar os filhos, para emprestarem aos filhos uma pátria livre.

O pior é o resto, não é só comer. Dinheiro para comer nem sempre falta; para viver honestamente, quando se anda aos saltos de terra para terra, é mais difícil.

Só as pessoas que voluntàriamente se misturaram um dia com esta pobre gente, habituada à crueldade de tôdas as dores, morais e físicas, poderão sentir e descrever a intensidade do drama, cujas personagens, por insignificantes, se reduziram a sombras, a espectros!

Tenho privado com algumas dessas famílias, ouvido e sentido os seus queixumes.

Na massa heterogénea que tem passado por Lisboa a caminho de outras terras, quási todos a caminho das Américas, tenho encontrado de tudo.

Não são piores ou melhores que os polacos cem por cento polacos. São iguais, absolutamente iguais. O tecido é o mesmo, a histologia étnica a mesma: os mesmos defeitos, as mesmas qualidades.

A Polónia é, ainda, um país que pertence a meia duzia de senhores, servidos por milhões de homens, cristãos, ortodoxos e judeus.

O anti-judaísmo é o *panem quotidianum*, o pão da discórdia que os grandes senhores distribuem à massa dos explorados.

Emquanto estes vivem entretidos, odiando-se uns aos outros,os senhores feudais divertem-se despreocupadamente, comendo caviar e ouvindo música, umas vezes ao lado da França, outras ao lado da Alemanha, fazendo o jôgo de ambas as potências, consoante a necessidade do momento, contribuindo largamente com as suas incertezas, seus vícios, seus desvairos para o desequilíbrio do oriente europeu.

Quando a classe dirigente é constituída por material desta natureza, o povo, a massa, a que, protegida pelas leis, fica dentro do país e a que as leis, urdidas viciosamente, expulsam, repelem, lançam fora, não pode ser melhor ou pior — reflecte, espelha, reproduz, as mesmas incertezas e os mesmos vícios.

A história diz-nos que a Polónia só é grande quando luta com a adversidade e procura romper os diques do martírio.

O génio do Chopin criou-se entre o estrondo da metralha.

*

* *

O *ghetto* de Lwow! Quantas recordações o nome desta cidade traz á memória de todos nós. O *ghetto* de Lwow! Vão decorridos alguns anos: 1918! "C'est du ghetto de Lwow, certainement, que Jérémie voulait parler».

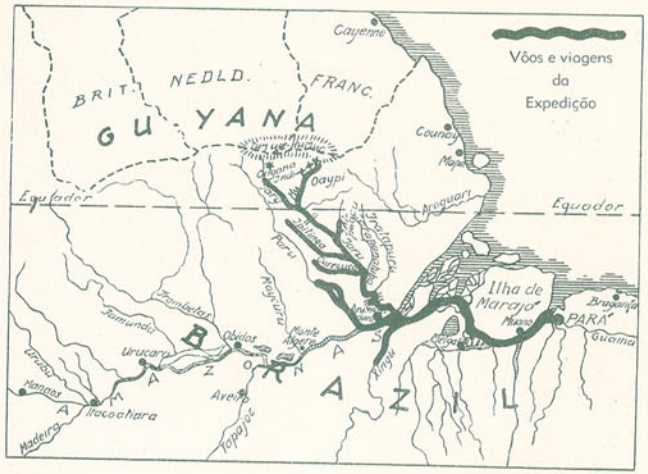
"La Pologne les hait. Elle les a chassés de tous ses monopoles, elle les a rejetés de sa vie nationale, encore beaucoup plus que ne l'avaient fait les tsars.»

São do grande escritor católico, o tomista Jacques Maritain, estas palavras dirigidas aos polacos: "Os polacos sabem muito bem que não disse tudo quanto sei, quanto poderia dizer... Rodiei-me de todos os cuidados para não os magoar. Sei muito mais do que vos acabo de contar. O grande Pilsudski, na reabertura da Universidade de Varsóvia, lembrando o sofrimento do povo polaco, escravizado durante séculos, disse não admitir lutas de nacionalidades ou de raças».

Jacques Maritain não disse tudo, propositadamente, para não magoar os seus amigos, esqueceu os *pogromos*, a barbaridade dos estudantes polacos que, noite alta, assaltam e destroiem a vida e os haveres dos judeus, os cemitérios e os templos... Não disse tudo: os bancos dos *ghettos* nas Universidades, tôda a tragédia de Israel na Polónia, incompatível com a orgânica de um povo civilizado!...

Causa-me pena e dor a situação dêstes desgraçados; as mãos malditas dos seus perseguidores, essas, causam-me dó! Pobres judeus polacos! Eu sinto a vossa dor e compreendo o vosso sofrimento! Pobres judeus polacos!

AUGUSTO D'ESAGUY.



As viagens de exploração e expedições que actualmente se empreendem às regiões ainda desconhecidas na Terra, apresentam um aspecto muito diferente do dos tempos dos conquistadores ou das expedições realizadas ao interior do continente negro no século passado.

Todo o arsenal da técnica moderna é posto ao seu serviço para proteger a vida dos expedicionários, para manter a comunicação e o contacto com o mundo civilizado, e, antes de tudo, para assegurar o bom resultado do seu trabalho.

Rádio, câmara cinematográfica (pequena, é claro!) aparelhos de cinematografia, avião, automóvel — eis algumas das muitas coisas que uma expedição moderna necessita, e de que careciam as

O ETERNO FEITIÇO

Através das selvas virgens do Brasil

longas filas de peões dos séculos passados.

Há pouco regressou à Alemanha, procedente das selvas virgens do Brasil, uma expedição sob a direcção do jóvem zoólogo Schulz Kampfhenkel, trazendo troféus que revelam o bom êxito e a perícia dos expedicionários. A exposição estendeu-se ao longo do rio Jary, um afluente do Amazonas, na direcção Norte, através das selvas virgens cálido-húmidas do Brasil e da Guiana, a ambos os lados do Equador.

Apesar de irem providos de todos os elementos modernos com que uma expedição desta natureza deve contar, os jovens exploradores tiveram que vencer grandíssimas dificuldades antes de regressar ao ponto de partida. A região explorada carece por completo de caminhos e os rios apresentam, a cada passo, enormes dificuldades devido às suas rápidas correntes, saltos, etc. Além disso, os índios, que nunca tinham visto um branco mostravam-se desconfiados e receosos. Por sua vez, o clima é mais perigoso para os brancos que em qualquer outra parte do mundo.

A expedição, sem embargo, após dezassete meses de pesquisas, chegou ao curso superior do Jary e seus afluentes, explorando as regiões mais favoráveis com o auxílio de um hidro-avião levado para o efeito.

Os resultados da expedição fôram, na realidade, excelentes sob o ponto de vista zoológico, botânico, biológico e etnográfico.

Depois de muitas e grandes dificuldades, conseguiram os exploradores que um índio da tríbu *aparai*, dos que, de quatro em quato ou cinco anos, chegam até às avançadas da civilização para permutar os produtos naturais da sua região por outros da indústria moderna, se declarasse disposto a servir-lhes de intérpretes e guia nos pontos mais impetuosos da corrente. Desta maneira conseguiram chegar, ao fim de várias semanas, a umas aldeias indígenas, cujos habitantes, todos nús, contemplavam os exploradores brancos, exóticos para êles na sua abundante indumentária e uns aparelhos tão exquisitos como se fôssem habitantes de outros planetas. E aqui começa para os exploradores um trabalho muito diferente do de caçar animais silvestres, colecionar espécimes de botânica e preparar-lhes uma embalagem, de modo a não os prejudicar durante a sua permanência nos trópicos. Cam o auxílio do disco gramofónico quizeram fazer uma espécie de dicionário acústico destas tríbus primitivas, fixando ao mesmo tempo as suas canções e o som dos instrumentos musicais.

Mas os selvagens que nunca — repetimos — tinham visto um branco nem faziam a menor idéia da técnica, calcularam que se tratava de bruxaria, ao ouvir a sua própria voz, saindo do alto-falante. A princípio mostraram-se tímidos, receosos e desconfiados, mas, ao cabo de algumas semanas, à medida que se iam habituando à vista da aparelhagem, aproximavam-se sem medo e acabavam por apoiar e secundar a difícil tarefa dos exploradores.

Finalmente chegaram ao ponto de que para êles não havia maior prazer do que escutar, com o casco auricular na cabeça, o disco recem-impresso com a sua própria voz. Convencidos de que não existia o menor perigo para êles, deram-se por vencidos e convencidos, e, sem se fazerem rogados, cantavam as suas canções e os seus cantos guerreiros ante o microfónio, ou diziam umas quantas palavras sôbre o disco.

No entanto, os exploradores tinham ainda muitas dificuldades a vencer, visto que "o interprete falava um português complicado e incompreensível como todos os diabos", segundo disseram.

Fez-se o dicionário, começando por dizer, primeiro em alemão, depois em português, e, por último, na "língua da região" algumas palavras simples como *pai, mãe, tia*, o outras assim. Desta sorte conseguiram os valentes exploradores reünir um arquivo lingüístico, um léxico de discos gramofónicos, uma obra de suma importância sôb o ponto de vista científico e de grande interêsse para quem visite, no futuro, as referidas regiões.

São notáveis também as numerosas impressões de cantos e melodias com instrumentos muito simples e primitivos, mas suficientes para darem uma ideia do sentido harmónico, e, em geral, do grau de cultura destas tríbus.

Todo o ferramental para esta penosa tarefa era um aparelho ou equipo Telefunken para gravar discos flexíveis, adaptado, naturalmente, às necessidades do caso para poder afrontar os riscos do clima e a impetuosidade da corrente. O aparelho, justo é dizê-lo, pôde resistir ás peripécias da expedição, ao não muito delicado trato por parte dos expedicionários e dos indígenas curiosos e mexelhões, chegando ao ponto de partida no mesmo bom estado em que se encontrava antes de empreender a expedição, o mesmo sucedendo com os outros aparelhos para filmar vistas e costumes. Por isto se compreende fàcilmente que nenhum outro aparelho da mecânica de precisão é tão delicado, tão sensível e tão resistente como êstes.

O aparelho de gravar discos flexíveis teve que ser dividido em várias cargas para ser transportado. Nos baús em que os meteram iam o amplificador com regulação de *contrôle* de som e o comutador para a impressão e audição dos discos, o transformador para o motor, a bateria de acumuladores, etc. Na tampa de um dos baús ia o microfone da câmara alimentado por uma bateria de lâmpadas de bolso, e o cabo de ligação. Um dos discos auriculares servia para escutar o disco delgado durante a gravação ou depois desta.

E assim será sempre até à consumação dos séculos, podendo até dizer-se que nós próprios já fizemos a figura de *aparai* diante de tantas maravilhas que nos encheram de assombro.

A alegria dos indígenas — dizem os exploradores — era extraordinária ao escutarem a sua própria voz gravada momentos antes diante dos seus olhos com um estilete de aço numa rodela de metal.

Um dos capítulos mais difíceis para os expedicionários era, como se compreende, o aprovisionamento da energia eléctrica, visto que nas selvas virgens do Brasil, não há fábricas de electricidade nem linhas inter-urbanas. Assim, não restava apenas ao engenheiro da expedição outro recurso senão aproveitar-se da lancha de transporte que tirava da fôrça da corrente e servir-se dos motores laterais de bordo para carregar os acumuladores, abastecimento êste que apenas durava algumas horas.

Calcule-se agora o espanto dos *aparais* ao verem que os seus visitantes tiravam da água do rio a fôrça misteriosa de que necessitavam para os seus conjuros maléficos...

ANDRÉ LION.

As mulheres «aparais» ouvindo o feitiço da sua voz no disco gramofónico

Os «aparais» cantando diante do microfone

PELA BEIRA LITORAL

Luso — Vista parcial

Luso

No xadrez turístico da Beira Litoral destaca-se como pedra de inestimável valor o Luso, estância termal de tratamento e repouso, local aprasível de requintada belesa natural, manancial inesgotável das preciosas águas que têem o seu nome. A pouca distância de Coímbra, fàcilmente acessível, quer por via ferrea, quer pelas magnificas estradas que a servem, constitue um dos mais lindos passeios desta privilegiada região.

Para justamente corresponder à acentuada preferência dos seus frequentadores, cujo número vem aumentando em rítmo acelerado, tem ampliado e melhorado constantemente as suas instalações. O estabelecimento termal, modelar nos serviços que presta, no confôrto e comodidade que proporciona, acaba de se valorisar notàvelmente com a recente inauguração de uma nova ala de cabines de banho, instaladas à esquerda da Buvette, com o maior luxo. Servida por um largo e extenso corredor, em lindos mármores os seus altos lambris e as tinas de vivas côres, e a excelente qualidade dos materiais utilisados não só na construção como nos vários utensílios dessas cabines, tornaram êste estabelecimento termal o melhor e mais luxuoso da Península.

E não ficam por aqui os melhoramentos em curso, por isso que outra ala idêntica de cabines se vai fazer no lado oposto, e como remate destas obras já bem notáveis, inicia-se em breves dias a edificação de um grande hotel que será digno da elevada categoria destas termas, de forma que a sua inauguração se faça precisamente na altura da comemoração do centenário da nossa nacionalidade, contribuindo assim o Luso, com a sua quota parte, para as rialisações projectadas para essa data.

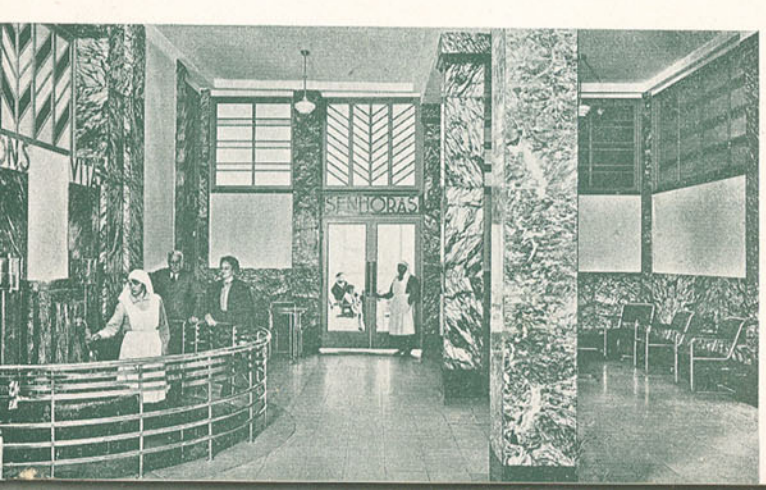
Entramos agora na época do maior movimento destas termas e pelas inscrições até hoje feitas, constata-se o seu progressivo aumento que se vem acentuando de ano para ano, reconhecendo-se assim implicitamente não só o valor terapêutico das suas águas, como também a influência das instalações. Os banhos ràdio-activos cuja benéfica acção está geralmente reconhecida é seguro os seus efeitos no tratamento das doenças do coração e dos rins, o emanatório para inalação dos gases que, segundo o professor da Universidade, dr. Mário Silva, ocupam o terceiro logar entre os mais ràdio-activos do mundo e o primeiro nas nascentes portuguêsas, o Laboratório devidamente apetrechado, a elegante Buvette com um espaçoso hall, completam esta notável instalação.

Para recreio dos aquistas e visitantes possue o Luso um frondoso parque, da mais agradável temperatura nas estações esquivais, um belo Casino de vastos salões, com uma larga varanda, ponto de reünião dos seus frequentadores que ali têem assistido às mais animadas festas e ainda um court de ténnis para os amadores. Por tôdas estas circunstâncias a estação termal de Luso é simultaneamente um centro turístico de apreciável valor.

Ficariam incompletas estas notas ligeiras se não fizessemos referência às suas águas de mesa tão justamente apreciadas pelos seus consumidores espalhados pelo Continente, Ilhas Adjacentes e Império Ultramarino, cujo consumo vai aumentando constantemente em rítmo acelerado o que constitue a mais concludente demonstração do seu valor. Um caudal de desasete mil litros por hora fornece o precioso líquido, sem dúvida, a nossa primeira água de mesa, como tal sancionada pelos hospitais e casas de saúde, que a tôdas a preferem, assim como os hoteis, restaurantes e cafés, muitos dos quais já com ela preparam o café e chá servidos aos seus clientes, porque todos a encontram de perfeita digestibilidade, sensivelmente diurética, inalterável e isenta de quaisquer matérias orgânicas. Ainda com a mesma água se preparam vários refrigerantes, presidindo ao seu fabrico o mais meticuloso cuidado.

Não pode, portanto, considerar-se exagerada a asserção de que o Luso como estação termal é do melhor que entre nós existe e como centro turístico nada tem a invejar a qualquer outro, quer pela multiplicidade de magestosos panoramas que nos proporciona, quer pelas suas excepcionais condições climatéricas.

O seu progresso está entregue em boas mãos. Por um lado a Junta de Turísmo, que lhe dedica os mais desvelados carinhos e ainda a Sociedade da Água de Luso, emprêsa portuguêsa de que fazem parte altas individualidades da nossa terra e a quem a economia local muito deve.



Luso — A «buvette» termal

Bussaco

A uns quilómetros de distância do Luso entramos na mata do Bussaco que bem pode considerar-se uma das maravilhas do mundo não só pela sua frondosa vegetação em que abundam os mais raros exemplares das faunas indígenas e exóticas, como pelos vários monumentos por ela espalhados, evocativos de glórias militares e tradições religiosas e incomparáveis panoramas que nos proporciona.

Bussaco — A Fonte Fria

Circundada por uma muralha de sete quilómetros, com dez portas de accsso, oferece à legítima curiosidade do visitante o Monumento da Guerra Peninsular, o Museu, o Lago e a Cascata, a Casa de Pilatos, o Passeio de Caifaz, a Avenida dos Cedros, as Capelas de Santo Elias, S. Miguel, Santo António, Santo Sepulcro e do Calvário, as portas da Rainha, da Sula e de Coímbra, as Fontes de S. Miguel, da Samaritana, do Carregal e Fria e, ainda, como inegualável miradoiro, o mais deslumbrante em território nacional, a Cruz Alta, de onde se desfrutam em enorme extensão, serras, cidades, vilas, aldeias e até o mar, tem verdadeiramente encantado os milhares de estrangeiros que por lá passam e muitos dêles das mais elevadas categorias têm tornado públicas as suas imprssões, como o príncipe Lichnwoky que confessou não ter encontrado nada semelhante em tôda a Europa e que, durante a visita que lhe fez se sentira transportado aos antigos e maravilhosos bosques do Oriente.

A meio da mata, 380 metros de altitude, ergue-se um magestoso edifício, em puro estilo manuelino, construido para residência régia hoje considerado Monumento Nacional. É aqui que se encontra actualmente instalado o Palace Hotel que, sem dúvida, não tem similar onde quer que seja.

A JUSTIÇA DOS HOMENS

Para não caír nêstes erros, é preciso não precipitarmos os nossos juizos e na dúvida, abstermo-nos de formular uma opinião.

■

É justamente da justiça cá de fora, longe do ambiênte trágico dos tribunais que eu quero falar-lhes hoje.

Sob êsse ponto de vista, tenho observado muito, tenho visto e ouvido muita coisa e tenho sofrido, como consta, as birras e leviandades dessa justiça.

Não é positivamente da justiça que se aplica nos tribunais, ao abrigo da lei, que pretendo tirar elementos para esta crónica.

Nos tribunais erra-se muita vez, pelo menos mais vezes do que seria para desejar — e para desejar não seria nenhuma injustiça, mas êsse erro não é consciente.

Não se julga pensando se a criatura é rica ou pobre, se tem na sociedade uma posição brilhante ou se leva a vida a mendigar.

Os erros dessa justiça têm, ainda assim, uma justificação perante a própria consciência daquêles que são chamados a julgar os seus semelhantes que prevaricaram.

Há as aparências ilusórias, há os caprichos do acaso, que se conjugam de molde a mostrar a verdade onde há apenas a sua imagem falsificada por factos que parecem trazer comsigo a confirmação de suspeitas preconcebidas.

E aí está porque mesmo na vida de todos os dias nós não devemos julgar ninguém, por simples aparências.

Às vezes, pensamos duma criatura coisas que estão muito longe do que ela é na realidade, em bem ou em mal, e outras vezes fazemos dela ideias contrárias á verdade dos seus sentimentos.

Há também antipatias que nada justificam e que não são merecidas, e nos levam a pensar mal de quem no-las inspira.

E tôda a gente, mais ou menos, tem sido ferida por ela, nas suas aspirações, na sua sentimentalidade, nas suas esperanças, nos seus méritos e nos seus direitos a mais carinhoso acolhimento.

Não se julga pessoa alguma, pelo seu próprio valor.

Olha-se simplesmente á posição que ocupa de momento na sociedade ou, então, á amizade que liga quem crítica ao indivíduo criticado.

Acho muito bem que nesta segunda causa o crítico cuide de acarinhar a sua amiga ou o seu amigo, mas sem diminuir, na sua crítica, outra ou outro de mais valor e que não tem a dita de merecer a sua simpatia pessoal.

É humano, porque errar é humano também, como diz o aforismo em latim, que quem pode coloque os seus parentes e os seus amigos em bons logares, que o emprezário puxe pela crista de quem quer fazer uma estrela, porque ela brilha há muito no seu coração; mas que não se prejudiquem totalmente outros com maiores direitos — os direitos da sua inteligência — e se lhes dê igualmente auxílio e se lhes preste a homenagem que merecem.

Mas quási nunca é assim.

Há quem faça monopólio da justiça e da assistência só para aqueles da sua feição.

Em geral é desta forma que se julga dos méritos de alguém:

— Se um jornalista infeliz traz a andaina no fio e botas cambadas, pode ter carradas de talento que não lho querem reconhecer.

Se a sua vida melhora e chega a director de jornal, os colegas estampam-lhe o retrato na primeira página, com grandes encómios ao primeiro trabalho que lançar no mercado livreiro.

E, todavia, êsse jornalista tem o mesmo talento de quando fingiam ignorá-lo.

E com tôda a gente sucede o mesmo.

O autor, o pintor, o ministro, qualquer magnate, emfim, são elogiados, incensados, quando estão em cima, no poleiro.

Se a sorte os apeia, deixaram de ter talento, deixaram de ter arte, deixaram de ser bons condutores.

Vejam vocês o Mussolini e o Hitler e mais alguém ainda, que hoje são levados em triunfo pela multidão, mercê de seus méritos. Se qualquer dêles tivesse uma hora má e escorregasse, caiam-lhe todos em cima, sem nenhum escrúpulo de consciência, nem a mais leve gratidão pelo seu passado glorioso.

Aqueles que já sofreram e os que estão em risco de sofrer tal passo sabem que eu tenho razão.

E sabem-no, também, êsses que julgam assim, segundo as suas simpatias ou segundo a posição social daquêles que estão sob a alçada do seu juizo.

Quando a gente morre, tem a vala comum ou um jazigo para recolher seus mortais despojos. Se é pobre, a primeira triste jazida, se é rica, a segunda, onde a vaidade humana pode ainda espojar-se em construções luxuosas.

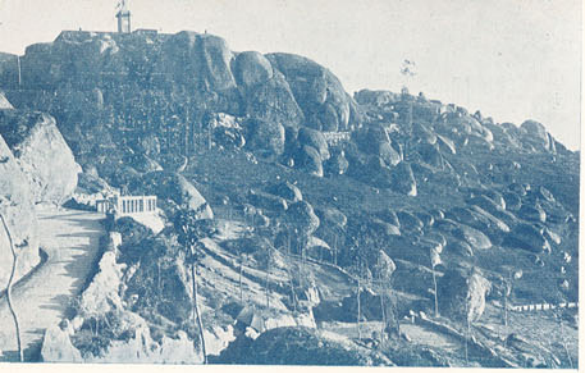
A necrologia dos jornais dá-nos bem essa medida. E para lá vão alguns nomes que mereciam um lugarinho á parte, porque na vida se distinguiram. Mas quem pensa nisso? *Wo care?* como dizem os nossos aliados.

Temos ainda outra vala comum em vida, assim como jazida á parte, segundo as mesmas considerações. A vala comum da *Bibliografia* e o jazigo particular onde repousam os fructos da nossa mentalidade. Ha quem tenha transladações várias, e tranzite da *vala* para a primeira página ou o contrário.

Que acontece ou pode acontecer que não haja lugar disponível para bem colocar quem o merece em muitas ocasiões.

Partindo do princípio de que tôda a falta tem desculpa, ainda com vista no tal aforismo famoso, e de que a intenção não corresponde ao facto ou vice-versa, e mesmo de que o cérebro que ordena não pertence à mão que executa — perdoemos a essa mão e lamentemos êsse cérebro — só nos resta sofrer com resignação as injustiças e guardar em nosso coração gratidão eterna por aqueles que souberem julgar-nos lealmente.

MERCEDES BLASCO.



Uma vista da Penha em Guimarães

VIAGENS NA NOSSA TERRA

Encantos do Pôrto a Braga por Guimarães

ERGO-ME de manhãzinha. Já a cidade freme na labuta: ouço para os lados da Ribeira o ranger dos guindastes.

Desço, à pressa, do Hotel da Batalha para a Estação de S. Bento...

E com quem topo, na escadaria da rampa, saindo dum casarão sombrio?

Com a linda rapariga que hontem, ao regressar da romaria de Gaia, vinha dançando e cantando sôbre a ponte de D. Luís, à frente dum rancho alegre e estouvado!

E revejo-a, como a vi há poucas horas... Não era a filha de Jephté, esvelta como uma palmeirinha nova e vibrante de emoção religiosa, que assim corria no taboleiro oscilante, ao clamor triunfal da multidão... Nem Salomé, inebriante, espalhando filtros de encantamento no seu gesto lascivo... Era uma donzelinha grega, uma bachante descalça, com o colo descoberto, o chale traçado seguro à cinta, os nús braços erguidos frenèticamente, sôbre o peito uma grinalda de flores, nas orelhas brincos de cerejas, e o farto cabelo enrolado e toucado de espigas de oiro...

Mas onde, agora, a fúria dionisíaca do seu corpo? Onde o brilho de fogo do seu olhar?

Caíram, com os festivos adornos, tôda a graça e viço da sua mocidade naquele casarão sombrio.

Consumou-se o sacrifício, a iniciação do mistério orgíaco! Faunos violentos, caprípedes sátiros esmagaram a sua carne núbil; silenos gulosos e borrachos maguaram os seus lábios frementes; crueis centauros violaram a sua pureza: o negrume tristíssimo dos seus olhos guarda o álgido desespêro, o pávido terror dos monstros.

O chale envolve lutuosamente a lassidão do seu corpo, como uma mortalha; o seu semblante lindo enoitece neste raiar do sol, e, de quebranto, os seus quadris, vencidos pela luxúria, tem lentos meneios de ave ferida. Desce poucos degraus, e deixa-se cair, chorando...

Bailadeira, porque saiste do teu Candal, porque vieste à Cidade?

E tanta pena me faz a pobresinha, que quereria levá-la ao colo...

Já o combóio, arfante, passa o tunel...

Campanhã — Saindo da estação, logo os campos de cultivo começam. Fortes árvores frondejam: castanheiros, carvalhos e pinho bravo. Vinha livre, emparreirada e de enforcado braceja sôbre searas. Entre a verdura, moradias alvejam.

Rio Tinto — Alpercheiros, pecegueiros, ameixoeiras, figueiras — nos quintais. Sôbre os muros alecrim e salva em flor. Águas tilintam correndo. Nas trincheiras, fetos, tojos, piornos. Povoados sôbre a colina.

Ermezinde — Junto à gare um jardinzinho, abrigado por austrálias, cedros e um cipreste...

À esquerda, o horizonte alarga-se. Uma ponte de pedra sôbre o rio Leça fixa o olhar.

Salgueirais e linhais entre águas cantantes. Pinhais densos ao fundo da várzea. Renques de carvalhos, cujas ramadas a brisa alvoroça. Uma grande revoada de pombas desata-se pelo azul celeste...

Courelas, boiças, lameiros, onde vacas andam pastando.

S. Romão — Ao sol radiante, um galo canta!

Pequenos vales, à esquerda. Uma ribeirinha encantadora. Casais. Ao alto, uma igreja.

Aqui e além, abrem-se nas elevações que acompanham, de perto, a linha, portos, enseadas, golfões de verdura. Povoados dispersos, com os seus singelos templos.

Trofa — Mudamos de combóio, deixando a linha de Viana.

Um grande rancho de padres embarca...

Ao sair da estação, à direita, uma veiga formosíssima. Estrada para Santo Tirso.

A linha avança entre terras de amanhadio e pinhais, que vão alternando nos vales e nos cerros, entestados de povoações. Cursos de águas, com suas pontes graciosas, alegram os campos onde, desde o Pôrto, a vinha domina.

Atravessamos o Ave, cujas margens deliciam a vista.

Louzado — Apraziveis vivendas, afestoadas de rosas-chá.

Passamos um afluente do Ave. Milharais, vinhas... Nas devezas, bois de trabalho descançam — os bois laboriosos que entram sempre em tôda a paisagem do Minho...

Reaparece o Ave, para o qual, da direita e da esquerda, se dirigem murmurantes riachos. A terra não lhe é avara: de todos os lados, à porfia, lhe trazem seu tributo.

A vegetação torna-se planturosa. Os montes são doces, boleados; as árvores arredondam; nada de violento desconcerta o equilíbrio das coisas e dos seres.

A gente que vejo passar nas estradas vai lentamente, sem pressa — dir-se-ia que sem cuidados. Até as crianças brincam — mansamente...

Terra serena, farta. Há água abundante nas fontes e nos rios, hortaliça tenra nos quintais, vinho na adega, milho na tulha, porcos no cortelho, galinhas na capoeira... E não há pobre que não tenha onde descançar a cabeça debaixo de têlha!

Atravessamos a linda quinta da Palmeira. — Uma ponte; uma repreza...

Grandes pinheiros mansos: à sua volta, lenhadores aprestam-se para uma derrubada sacrílega. Afastando a vista perturbada, descanso-a, além do rio, numa povoação tão tentadora, que dá vontade de descer do combóio, e ficar ali...

A vinha sobe, luxuriante, nas ondulações do terreno.

Uma chaminé de fábrica vai vomitando rôlos de fumo...

A's 10 e 40 chegamos à estação de *Santo Tirso*. A gare é toda engalanada de trepadeiras. Uma bela ponte; uma igreja com duas torres; uma avenida; plátanos... Engenhos, rodando sem canseiras. O lindíssimo vale! E as culturas dilatam-se até à serrania...

O arvoredo, reflectindo-se no rio, forma um sonho de paisagem aquática. Adivinham-se fundos pegos, pela água ennegrecida. De quando em quando, grandes penedos obstroem a corrente, que salta, refervente de espuma. Azenhas e reprêsas sucedem-se, como as pontes. Os povoados debruçam-se dos oiteiros. E a vinha vai subindo sempre, de socalco em socalco... E' um espectáculo de beleza, ridente, enternecido!

O Ave afasta-se para nordeste, confluindo com o Vizela.

Carriços — Na valeta da via-férrea corre o caudalzinho duma fonte, que se vê perto, afagada por hastes ondulantes de vimeiros, à sombra de faias.

O granito mole poreja humidade; a linfa bemfazeja circula, em veias turgidas, no seio da terra mãi.

Passam nuvens brancas, que se reflectem no rio, que a linha domina.

Nas margens, o arvoredo espessa-se. E as azenhas, as reprêsas e as pontes continuam, e a corrente espadana em alvuras deslumbrantes através das cortinas de esmeralda das ramarias.

É agora uma larga bacia, toda marulhante de seivas, exuberante de vida. Na própria serrania que a circunda, mais desafogada de arvoredo, há pastagens viçosas.

Altas chaminés de fábricas se implantam no solo. Chegamos a *Negrelos*, povoação que ocupa honroso lugar na industria do Norte.

A' direita uma estrada, sobre a qual se lança, airosa, uma ponte de cantaria.

O rio é coberto por verdadeiros tuneis de entrelaçadas ramarias.

A bacia parece findar.

A terra lavrada é fôfa — pingue, creadora. E as azenhas, tão bastas, o provam, com as suas reprêzas que faiscam ao sol.

O vale alarga-se em nova bacia, toda sulcada de arroios.

Ao longe, a serra de Citânia, é um halo de esplendor!

Seguindo o Vizela, vamos subindo. Nas trincheiras, giestas que florescem.

Lordelo — A' esquerda, mais uma ribeira que vem, cantando, afogar-se no Vizela. Como este é tentador! Sempre entre arvoredos, azenhas, quedas de água, represas e açudes, pontes de cantaria e simples pontões de madeiras...

Vamos agora descendo. E novas enseadas de verdura se abrem, de continuo, à nossa vista encantada!

Vizela — Na estação desembarca toda uma filarmónica... Um dos músicos — o que traz uma farda de general de divisão — leva o trombone debaixo do braço, e ás costas uma cana de pesca...

Um companheiro de viagem informa-me de que os peixes do rio são o escalo, o barbo, a boga e a truta. A última espécie é a mais procurada, tanto no Vizela, como no Ave e seus afluentes; mas o meu informador, que é de Louzado, favorece o seu Ave, dando-o como de maior abundância no divino salmonídio, que de preferência se colhe á linha.

E eis a razão porque o general da filarmónica vinha aviado de cana: não quer perder o maior prazer que pode dar-lhe a sua vinda a Vizela, não tendo à mão o outro rio...

O lindissimo vale, atravessado pela fita branca da estrada!

E sempre, e sempre, por toda a viagem — a seara e a vinha. O enforcado é, agora, em choupo e cerdeiras.

Uma avançada da serra de Crasto bifurca a campina; um dos ramos, para nordeste, regado pelo Vizela, vai subindo para Fafe.

Inflecte o caminho de ferro, pelo outro ramo, para norte, deixando o rio. Mas, logo, um seu afluente nos consola da dureza da serra, que nos barra o horisonte a leste. E é sempre a mesma leiva fresca, e o mesmo dôce murmúrio de águas...

Ha agora um padre no compartimento, acompanhado por uma destas formosas minhotas, que são o desespero, não digo dos nossos Rafaeis, de Urbino, mas dos nossos D. Joões de aldeia. Deve ser sobrinha ou afilhada do clérigo, que é já de certa idade... Ha renques de cerejeiras, com o fruto meio maduro, coral pálido; e a linda campesina ri de contente: — diz que, antes de quinze dias, colherá fartas abadas de cerejas, subindo até aos mais altos ramos!

Lembra-me a Albina de *La Faute de L'Abbé Mouret;* mas a visão pecaminosa passa-me logo, que o padre vai já para velho e a rapariga não sofre — bem se vê — de nevrose.

Devota, sim... E' ela que me indica, depois de termos chegado a *Covas*, á direita, no monte da Penha, o santuário da Senhora de Lourdes, uma das muitas Senhoras estrangeiras que em Portugal floresceram, antes de as vencer em dons de milagre a nossa Senhora da Fátima...

Mas uma nova enseada glauca, com um campanário alvejante ao meio, abre um sorriso de beatitude. Uma floresta, ao fundo, parece acordar... E *Guimarães* surge — o Castelo e as tôrres de três igrejas... Capital de Portugal ha oito

Alameda de Braga

Ruinas gloriosas de Guimarães

Trabalho na margem do Douro

séculos, e cidade sómente desde 1853, o vetusto povoado tem, alem das suas indústrias florescentes, interesse arqueológico subido. O que mais desejaria ver, das suas modernidades era o Templo de S. Torcato, que guarda o corpo incorrupto dêste bispo, tão santo que foi dos poucos clérigos que não se uniram ao Conde Juliano, chamando os mahometanos, arabes e moiros, á Península...

Veneraveis reliquias!

Mas nem a cidade percorro, porque mal tenho tempo para almoçar...

■

De Guimarães a Braga vou num carro alugado, um pouco incómodo, mas bom para ir devagar...

Atravessamos Caneiro. Um riacho, uma linda ponte, quintas, com as suas cancelas, pintadas como por todo êste Minho. Á esquerda *Fermentões*.

Uma bela vista! No horisonte a serra da Falperra.

Passam vendedoras de galinhas, ajoujadas debaixo das cestas: parecem figurinhas de presépio.

Na varanda duma casa rústica, cortiços de abelhas. E as abelhas pairam nos loiros cabelos duma rapariga, que ao tear trabalha, muito séria, sem se inquietar.

Vamos descendo para um rio, o rio Ave, que de novo encontramos, sempre cortado de pontes.

Entramos nas *Caldas das Taipas*, a 8 quilómetros de Guimarães. Num largo, sentado num banco, um padre lê pacificamente o breviário... Passamos na Praça. É um dia de feira: rumorosa e pitoresca multidão! Ao sair das Taipas, panorama vistoso, encerrado pela Serra da Falperra.

Numa colina, distante — a igreja de S. Clemente de Sande. Para trás, noutra eminência, a capela da Citânia.

Culturas, e, dispersas, árvores de fruto: noto nespereiras e limoeiros, espécies que não vira ainda na viagem, e uma oliveira, que me parece ser também a primeira em que meus olhos repousam. E cerdeiras novas, com as suas videirinhas ao lado. .

Já vamos subindo a Falperra.

Em Sande — o tempo aqueceu — bebo, com o cocheiro, uma pinga de vinho verde. Excelente!

O vale do Ave, que vai subindo até á longínqua Serra da Cabreira, aparece-nos, também aqui, cheio de frescura e de sombra.

A vinha do enforcado forma-se em verdadeiros pomares; desatam-se os seus festões dos altos ramos das árvores, num efeito imprevisto.

Para norte, a bastantes léguas, distinguem-se os picos do Gerez.

Monolitos colossais espalham-se à nossa volta, na Falperra núa.

Subimos, sempre. Pinheiros, castanheiros, carvalhos. E, em tôda a terra amanhada, a resistente cerdeira, que trepa a montanha. Milho e centeio, como nas baixas.

O Sameiro distingue-se já, nitidamente.

Dentro o arvoredo, uma tôrre resai; é, além, Santa Marta.

Hà courelas, lavradas de frêsco, para milho de restôlho.

Alcança-se *S. Romão*, ao fim da veiga. Moradias novas, uma igreja...

Rosas chá e japoneiras. Pequenos pomares de macieiras. E teares, matraqueando no silêncio do povoado.

Alto da Moreira. O cocheiro repete o verde, que o taberneiro, em mangas de camisa, lhe vem trazer ao carro — numa caneca bojuda, que êle emborca, do alto da boleia, duma asssentada.

Da esquerda surge uma nova bacia graciosa de verdura — a do rio do Este, que só confluírá com o Ave, perto da Vila C nde. Tôda ela se enfeita das pompas da vinha, erguida em socalcos.

Um palácio!

Sobreiros em chão bravio. Nogueiras, em amanhadio.

Uma cabra negra, lusídia, solitàriamente retouça na herva resequida dum outeirinho próximo. Destacando-se no azul, parece uma escultura alegórica do bucolismo agreste da Falperra!

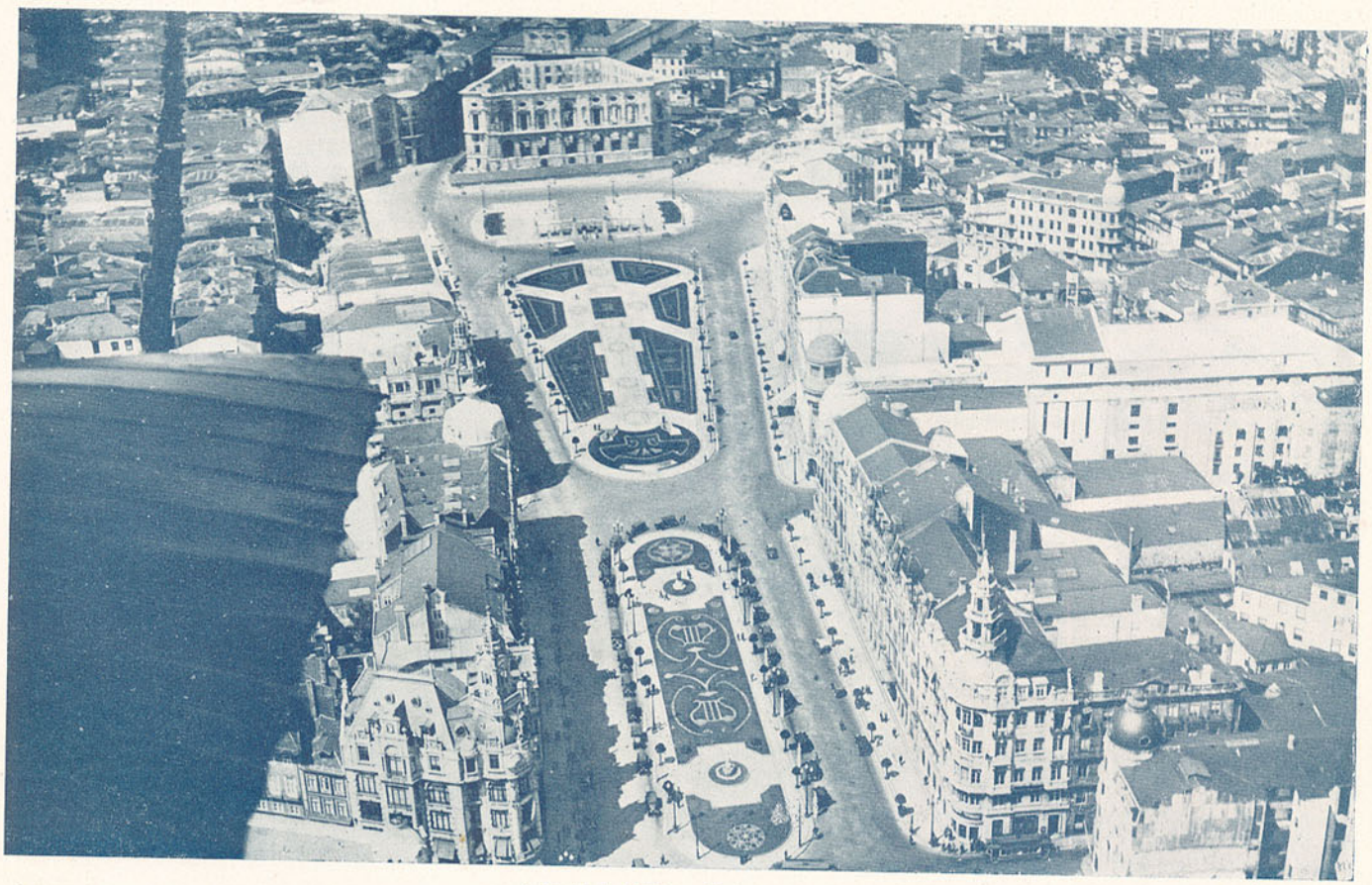
Atravessamos *Esporões*. Descemos; já ladiamos a montanha...

Eis o Sameiro!

O santuário fica numa das elevações que cingem a bacia em que assenta a famosa *Brachara Augusta:* Ouzal, Aboim da Nóbrega, S. Pedro de Fins, Nossa Senhora da Abadia, Carvalho de Este, Falperra, Santa Marta, Amarela, Bom Despacho, Castelo e Espinho. Num dos braços desta última está o Bom Jesus do Monte.

Descendo, descobre-se no vasto panorama a cidade — uma multidão de tôrres assinalando igrejas... Corôa magesgestosamente a Roma Portuguesa o grande edifício da Sé, onde repousam o conde D. Henrique e D. Tereza, que em 1100 a reedificaram.

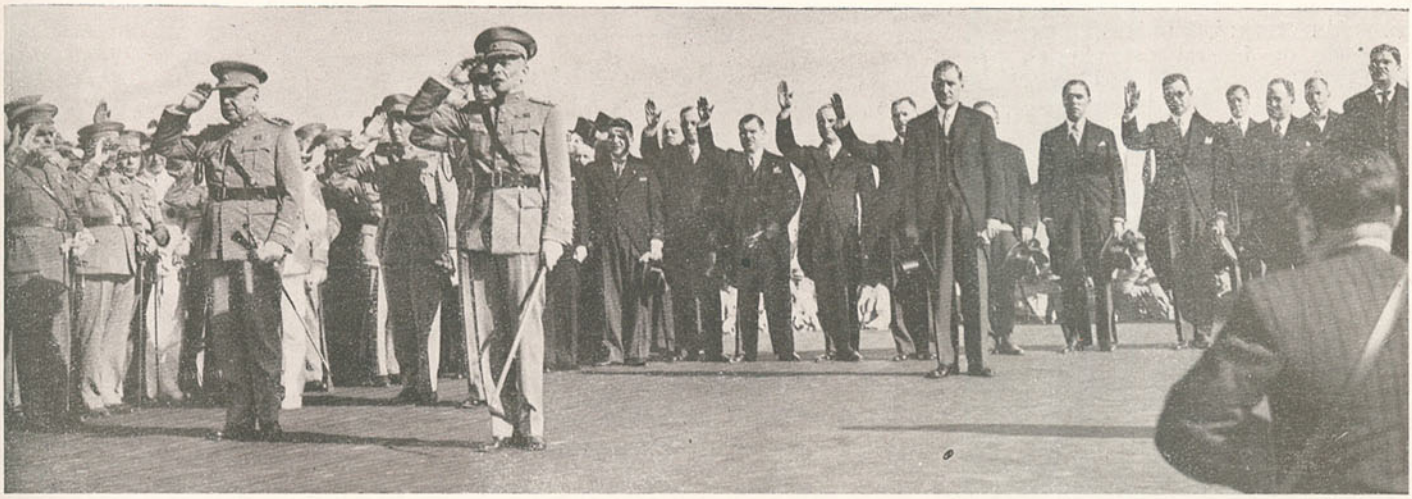
LOPES D'OLIVEIRA

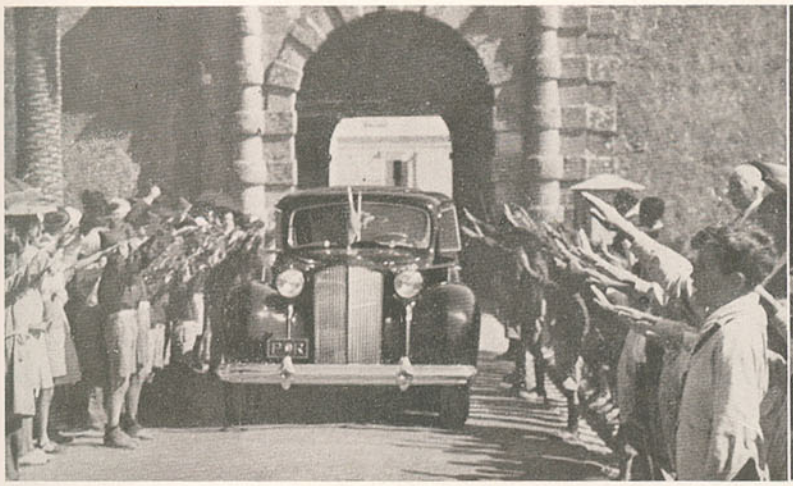


A Avenida dos Aliados no Pôrto, vista de avião

A VISITA PRESIDENCIAL ÁS COLÓNIAS

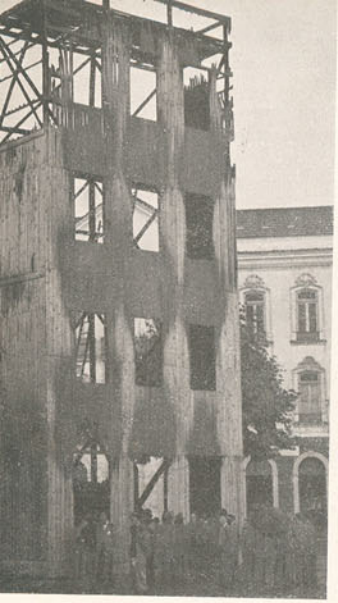
O sr. Presidente da República e sua Esposa pouco antes do embarque. — Á esquerda: A Mocidade Portuguesa saudando o Chefe do Estado no momento da partida. O sr. general Carmona recebeu à despedida a mais calorosa e impressionante manifestação de carinho e de respeito do elemento oficial e da população de Lisboa



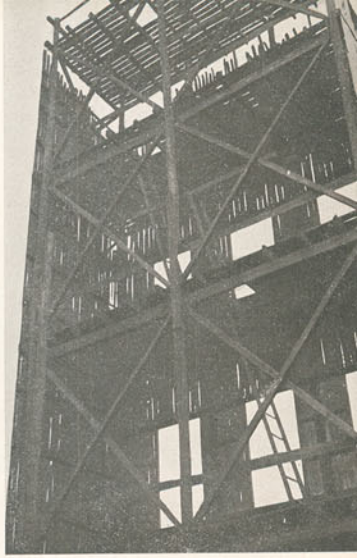


Ao centro: A chegada do Chefe do Estado ao Terreiro do Paço, vendo-se à direita o sr. Presidente do Conselho e o Govêrno. — Em baixo, à esquerda: O Chefe do Estado saindo da cidadela de Cascais por entre as saudações das crianças que serão os homens de ámanhã. — Á direita: a esposa do sr. Presidente da República subindo para bordo do «Angola»

A espantosa tragédia da cidade de Coimbra

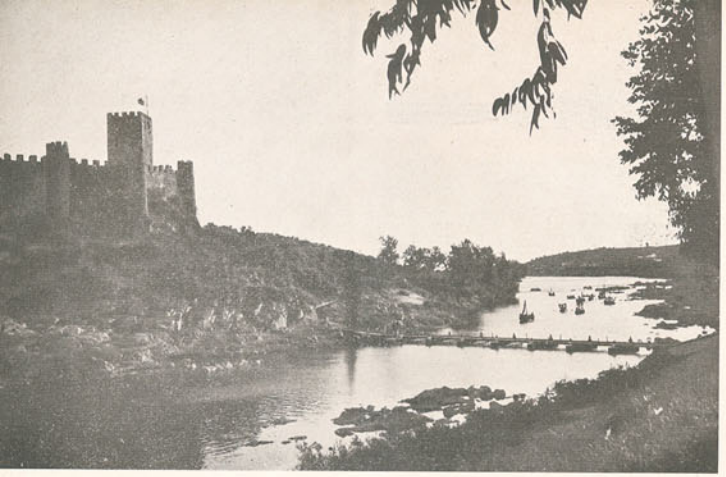


O estado em que ficou a casa-esqueleto. — A' DIREITA: Um impressionante aspecto do funeral das vítimas, vendo-se à frente o sr. Bispo-Conde. — EM BAIXO: Comovedor espectáculo do desespêro duma mãe que esbraceja e grita contra a terrível fatalidade que lhe encheu de luto e dor o pobre lar. Mas o luto envolveu todos os lares de Coimbra...



Outro aspecto da casa-esqueleto, mostrando bem o efeito das chamas. — A' ESQUERDA: A condução dos féretros para a Sé Nova

AO CENTRO: Os feretros, colocados em fila, frente da entrada capela-mór, na Sé Nova. Onze cadáveres, doze caixões brancos como a inocência das pobres vítimas! Dentro em pouco chegará outro... — EM BAIXO: Um aspecto do funeral em que tôda a cidade de Coimbra, em lágrimas, acompanhou as pobres vítimas dessa espantosa tragédia. O ilustre escritor Rocha Júnior, que presenciou êste espectáculo, definiu-o assim: "As violentas emoções que desde a noite cruel de quarta-feira passada vergastam os nervos de Coimbra, o espanto, a dor, a revolta, tudo quanto tem dilacerado o coração dêste povo essencialmente bom, sublimou-se hoje no mais santo dos sentimentos: a piedade — piedade feita de lágrimas, de bênçãos, de orações pela memória de doze desgraçados moços que a mais estúpida das catástrofes arrancou a vida».



O castelo do Almourol

AS LENDAS D ALMOUROL

De ninho de águias a centrecepção ao corpo Diplomático

O altivo castelo do Almourol, onde o sr. dr. Oliveira Salazar, como ministro dos Negócios Estrangeiros, deu recepção aos representantes das nações amigas, tem, além da sua história gloriosa, as mais formosas lendas.

Segundo diz Francisco de Morais na *Crónica do Palmeirim da Inglaterra* que o castelo pertencia ao gigante Almourol que infundia medo aos mais destemidos.

"Aqui vieram ter as princezas Polinarda e Misanguarda, com suas donas e donzelas, a quem o gigante deu hospitalidade e tratou com as maiores atenções. Palmeirim tenta roubá-las e salta a esplanada do castelo; mas estava ali o *Cavaleiro triste*, vencedores dos mais famosos campeões daquelas eras, o qual, desafiando Palmeirim para um *passo de armas*, que ali tinham estabelecido, o venceu e o feriu, tendo Palmeirim de ir curar-se das feridas para uma vila distante três quilómetros do castelo. O gigante Dramusiando, tendo notícia das grandes fôrças de Almourol, quis medir as suas com êle, e aqui o veio procurar combatendo com êle e o venceu. Dramusiando ficou então de guarda às princezas, obrando maravilhas de fôrça e de valor».

O banquete no Terreiro do Castelo

Existe ainda uma outra lenda que o povo tem conservado com a sua eterna alma de poeta.

Ei-la:

Há muitos anos — antes de Gualdim Pais — vivia no castelo do Almourol um grande fragoeiro chamado D. Ramiro, que ia às fossadas dos moiros e tinha uma linda mulher e uma filha encantadora.

Cidente do Cabendo os idos

Um dia, havendo grandes tumultos nas terras da moirama, D. Ramiro partiu a combater os infiéis, num ímpeto de fera sequiosa de sangue. Deixou sòzinhas no castelo a mulher e a filha, e de nada mais se lembrou do que embeber o seu montante nas carnes palpitantes dos adversários. As suas crueldades foram tais que as mães moiras o amaldiçoaram à luz dos fogaréus dos seus acampamentos.

No seu regresso ao castelo, o cavaleiro cristão encontrou duas moiras — mãi e filha — que iam de cântaros à cabeça, buscar água à fonte do caminho.

Como D. Ramiro, cheio de sêde, lhe pedisse de beber, a moirinha assustou-se e deixou caír o cântaro que se quebrou.

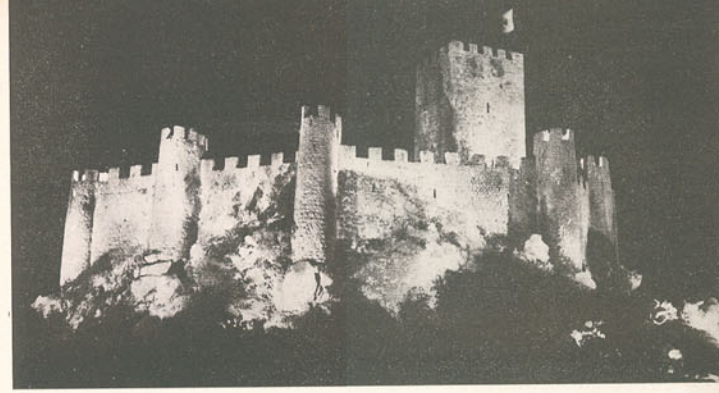
D. Ramiro, cego pela raiva, enristou a lança, e atravessou as duas desgraçadas que morreram logo, amaldiçoando-o. Para ali ficaram os dois cadáveres estendidos no relvado do caminho, à beira do Zêzere, cujo murmúrio suave e preguiçoso tomou naquele momento a sinistra vibração duma praga terrível.

Mais adiante, sentado num socalco, o cavaleiro encontrou um moirinho de onze anos que chorava amargamente a sua orfandadade. Era o filho da mais velha das moiras que D. Ramiro assassinara tão cobardemente.

Achando engraçado o rapaz, o castelão pegou-lhe pela cinta, escanchou-o na garupa do cavalo e levou-o consigo.

Faria dêle seu escravo, esquecendo-se de que aquela pequenina alma transporia a ponte levediça do Almourol ruminando a mais atroz vingança.

Beatriz — a filha do castelão — começou a afeiçoar-se ao pequeno moiro que ia recalcando no seu íntimo os ódios terríveis que deveriam explodir, um dia, quando se lhe oferecesse a primeira oportunidade.



O castelo iluminado

Mas o rosto cândido da donzela tinha tão mágico poder que, em breve, fizera esquecer ao moiro os seus projectos de legítima vingança.

Beatriz conversava com êle durante horas e horas, e pedia-lhe flores que êle, rasgando as mãos e os joelhos, ia colhêr nas ravinas e nas margens das lagoas vizinhas. Que melhor paga desejaria êle do que poder beijar aquelas mãos diáfanas que se abriam a rebeber a amorosa oferenda?

Entretanto, D. Ramiro partia novamente a chacinar moiros, e por lá andou meses e meses, sem que se soubesse o seu paradeiro.

Dizia-se que sua mulher, julgando-se viúva, entrara a definhar-se, morrendo pouco depois. Mas a verdade é que a desventurada sucumbiu a um veneno subtil que o moiro lhe propinou.

A filha chorou-a muito, mas como não há mal de saüdade eterna, procurou suprir o grande amor que morria com outro grande amor que nascia.

Mais se dedicou ainda ao jovem moiro que lhe falava da sua raça, dos seus sonhos, naquela linguagem perfumada de encantos que só os orientais sabem ter.

Decorriam os dias, e a donzela continuava sem notícias de seu pai. Só a voz de Ali — o moirinho — na sua toada dolente e cheia de poesia lhe falava de modo a chegar-lhe ao coração.

Debruçada nas ameias da sua tôrre albarrã, Beatriz sentia na nuca o hálito ardente do servo, que já esquecera a sua vingança.

Dentro em breve, a jovem, olvidando o pai que tanto se empenhava na extinção da raça do seu amado, entregou-se de corpo e alma ao seu amor.

Ilusões da juventude!

Amaram-se à luz do luar, viveram de beijos com grande espanto das damas e donzéis.

Oh! o poético castelo do Almourol!

Figuras do serrão romântico

A coroação da Virgem, por Bernardino Mariatto, no Museu de Perúgia

SOB OS CÉUS DE ITÁLIA

O doce misticismo de Assis e Perúgia

PERÚGIA e Assis estão prêsas uma à outra por uma fita de estrada, que leva meia hora a desenrolar. Foi nesta fita, mais ou menos, que há muitos séculos ficou prêso um moço combatente, poeta e estroina, caído nas malhas duma cilada que o levou às masmorras perugínas, donde saiu para se tornar santo no seu burgo natal. É a memória sagrada dêste moço poeta, que dum lado segura a ponta daquela fita, enquanto Paulo Farnésio, soberbo e faustoso, a segura do lado oposto. Mas outros laços prendem estas duas formosíssimas cidades: os da História, da Arte e da Fé. Ainda que cada povo procure servir-se de armas desiguais — como naqueles tempos antigos — os fins que desejam atingir são de indestrutíveis afinidades. São rivais, porque são vizinhos, porque um canta e outro reza. O paganismo de Perúgia, é mais aparente que real, com amorosas à solta, estudantes a rirem e aristocratas saüdosos nos seus palácios. De tradições romanas e etruscas, heráldica de semblante e chieira nas atitudes, com desconcertante bulício social e alegre, onde as matronas tomam a dianteira nos jogos, tornou-se inofensiva e bucólica, arrazada de fôrças e generosa para com tôdas as crenças estrangeiras. A religiosidade de Assis é que é mais forte, mais persistente, mais enraïzada na terra e sublimada na atmosfera, valorosa e humilde. A História daquela foi vencida pela lenda franciscana da outra. A Idade Média foi um tecedoiro maravilhoso de sonhos; e se Perúgia se contentou em cantá-los nas pedras doiradas e côr de sangue esmaecido dos seus monumentos, Assis preferiu em subtil oração, enlear a alma dos poetas com os seus mistérios. Porém, palácios ou mosteiros, tôrres ou ermidas, condotieros ou monges, espadas ou cruzes, cantigas ou preces, tudo igualmente ficou soberbo, dum lado com brilhos heróicos e do outro com brilhos de luz. No cume de cada monte em que assentam estes burgos encantadores, erguem-se, em paralelo, as tôrres dos baluartes e as tôrres das igrejas. Dum lado a fôrça e do outro a bênção. Todavia esta, com os séculos de generoso perdão, dominou aquela de altiva prosápia. Perúgia admira-se e basta-se no passado; Assis humilha-se e vive em adoração no presente.

Existe um mosáico romano com a figura de Orfeu entre feras e pássaros atraídos pelos sons da lira que tange, na cisterna dum templo pagão, aproveitado pelos católicos para o culto de Santa Isabel, a meio daquela fita de estrada que liga as duas cidades, longe das portas das suas muralhas, e que, por assim dizer, separa as crenças de ambas, desconfiadas de tal feitiço mitológico. Dum lado a tôrre de Sciri e do outro o campanilo de Minerva, dividiram o génio dos seus artistas: — Bonfigli, Fiorenzo di Lorenzo, Boccati, Perugino, Pintoricchio, Bernardino di Mariotto e Agostino di Duccio; Giotto, — o Mestre — Cavallini, Cimabue, Simone Martini, Buffalmacco e Pietro Lorenzetti.

A lenda, que é a parte mais poética da História e da Tradição, inventou a fundação de Perúgia com uma pitoresca manha de Noé, o qual andando por aqueles sítios, na procura de lugar propício para instalar a sua grei, viu passar duas pombas pelo ceu, levando cada qual, no bico, uma espiga de trigo e um raminho de oliveira, assinalando assim a fertilidade daquelas abençoadas terras. Mas faltava-lhe a razão maior para a sua decisão definitiva. Nisto, passa uma cegonha no ar, trazendo no bico, por sua vez, um esplêndido cacho de uvas, maduro e luzente como cristal. Tanto bastou para que Noé não procurasse mais e logo ali fundasse aquela cidade, onde certamente tomou saborosas carraspanas. O certo é, que o vinho e o pão dêstes lugares, são excelentes. A Umbria, além de província sagrada e heróica, é abundante em olivedos e vinhais, mas tambem em frutos e águas doces. A sua paisagem é caracterizada por montículos em cadeia, variados de côr consoante as semeaduras, de arbustos rasteiros e com o lago de Trasimeno que logo a seguir à alcandorada Cortona, amenisa a caminhada dos viajeiros vindos de Siena, com efeitos românticos de acalmada luz, para mais cercado de sargaceiros altos onde as aves fazem ninho, e doutros macissos arvoredos em socegado extatismo.

Pormenor do «Nascimento de Jesus», por Fiorenzo de Lorenzo, no Museu de Perúgia

A lenda de Assis é mais espiritual e mais doce; foi um poeta que se fez fradinho sem inícios de seminário, feliz e votado à dor, que a criou, com o seu amor aos montes solitários, aos lobos de Gubbio e às flores agrestes. Renunciando às riquezas e às glórias do mundo, em vez de cuidar do azeite e dos prazeres de Noé, preferiu, plantar uma fé de sacrificado contentamento, votado a Deus e aos humildes, rasgando o corpo nos silvedos e purificando a alma nas orações da Porciúncula, de forma que ao morrer todos aqueles que lhe beijaram as feridas dos pés e das mãos, pela conversão, se tornaram seus discípulos, tal era o perfume exalado das suas chagas.

Pão e rezas... vinho e flores... Eis os milagres dêstes dois burgos. Dum lado a nobreza, no largo maravilhoso do Palácio dos Priores e da Catedral, chorando o passado pela música das águas da Fonte Maior; e do outro, um santo noivando com a Pobresa nos altares de S. Damião, cantando a glória do futuro, mendigando aos ricos o pão dos pobres e beijando o esterco das pústulas dos leprosos.

* * *

Certa noite de verão, em Perúgia, uma vendedeira de flores ofereceu-me um molhe de trevos com quatro folhas, desejando-me boa fortuna. O luar desviou-me para fora de portas, ladeira abaixo e campos fora. Atraído por uma cantiga de amor, fui dar a umas devezas para as bandas de Sant'Angelo, basílica católica apoiada num monumento circular e romano. A aventura foi inesperada e se não fôsse um cocheiro filósofo, de bons conselhos e pitorescos rifões, ter-me-ia deixado prender até à saciedade. Felizmente que dentro de cada tonto, há sempre um Sancho Pança! Ao regressar, por alturas da igreja de S. Francisco, pegada ao oratório de S. Bernardino, a cidade escureceu e deixou-me sem oriente. Dali ao Palácio Comunal eram dois passos. Uma multidão excitada galgava as escadas e os becos, esgueirando-se pelas rampas e por baixo dos arcos, apressada e garrulando. Segui-a, ansioso por saber a causa da escuridão, e fui dar à praça nobre do estupendo tanque que Pisano lavrou numa inspiração de génio, como se burilasse um dos seus famosos púlpitos. Uma massa compacta de gente, mulheres e garotos, velhos e soldados, acocorada na escadaria ao pé do papa de bronze, sob o alpendre da lóggia de Bráccio e nas embocaduras das ruas, lembrava uma reunião de duendes em plenas trevas, silenciosos, diante dum pano branco e enorme, onde deslisavam, mudas e solenes, as imagens do entêrro de Marconi. Nisto, passa um homem isolado. Do silêncio ergue-se um clamor. Acendem-se os candieiros e descubro então centenas e centenas de pessoas, sentadas no chão, encarrapitadas na fonte, nos degraus das escadas, penduradas nos bronzeos grifos alados dos guelfos, debruçadas no parapeito dos palácios e nos balaustres que cercam a Sé, levantando-se todas num salto, estendendo o braço e gritando: — "Duce! Duce!„ E todas as pedras, as tôrres, os arcos, as igrejas e as portas de Perúgia, repetiram num eco: — "Duce!„ Findava a fita e a ovação fôra delirante. Com a electricidade, como espectros saídos da sombra dos séculos, milhares de vozes nasceram da terra, das paredes, dos buracos, dos corações: — "Duce! Duce!...„ Compreendi nesta hora o prestígio idolátrico dum Chefe.

Gente assim, simples, comovível e entusiástica, presta-se, na verdade, a ser modelada a gôsto, dando-se-lhe em troca da bravura e dos sacrifícios para bem da Pátria, uma noite de cinema ao ar livre e motivos para cantigas de amor! A frieza do meu ridículo desânimo, não se manifestou senão com um sorriso. Sou português e, ou porque a minha sensibilidade ficasse lá longe, liricamente, na aventura da boa fortuna das trevas, ou porque nunca tivesse tido a fortuna de achar um ídolo, dirigi-me ao botequim mais próximo e, fazendo sinal ao criado, exclamei, impertigadamente: — *"Prego!* Traze-me aguardente de cana e um copo com gelo!...„

* * *

Em Assis, num hotel famoso — o *"Subário„* — pegado ao claustro exterior do Mosteiro que Frei Elias delineou, quando declinei o meu nome e a minha nacionalidade para informações policiais, uma inglesita de olhos aguados exclamou: — "oh! *português?* parabens!...„ — Soube depois que era freguesa da Madeira. Mas quem correu, com sorrisos e uma saüdação romana para o novo hóspede, foi um velhote de casaca, mestre da sala de jantar, que depois de inspeccionar o livro dos assentamentos, me estendeu a mão fraternalmente e esclareceu: — "Da terra de Santo António! Seja benvindo! Esteve cá um Poeta, seu patrício e nosso amigo, há tempos, que me disse uma coisa que nunca mais esqueci e tenho repetido a todos os peregrinos: — "Os hospitais são obra dos homens para a cura dos corpos; mas Assis é obra dum Santo para a salvação das almas„. Isto devia andar escrito num cartaz! Se êste albergue fôsse meu, mandava gravar estas palavras na frontaria. Nunca esquecerei a voz dêste amigo. Quem tem na sua terra um poeta que fala assim, como *lei*, é digno da minha amizade e vou já arranjar-lhe uma mesa ao pé da janela que deita para o jardim... Quere caldo verde ou canja?„.

Assis não é sòmente um lugar para rezas; também tem ingleses e italianos. Se um lombardo franciscano me abriu os segredos do seu mosteiro e outro, alemão, me revelou os do de Santa Clara, e um professor me explicou as intimidades históricas da terra, e um cocheiro me levou aos sítios pitorescos, de vistas panorâmicas ou de negócios, foi, contudo, um Poeta da minha terra, com as suas credenciais fixadas na memória dum criado, que me abriu os braços da gente tôda. Á simples evocação daquele que foi o embaixador de Portugal no centenário de Santo António, devo a liberalidade moral com que Assis me protegeu na sua magnífica pobresa. Com que orgulho — ai os inofensivos orgulhos dos mais humildes! —, ao entrar na igreja baixa de S. Francisco, onde repousam os seus ossos e as mais enternecedoras relíquias da sua vida, embalsamadas pelos beijos devotos de milhões de almas, ouvi uma rapariga, meia pedinte meia romeira, mostrar-me ao namorado e dizer escondido: — "O português!„ — Pareceu-me que naquele momento tôda a terra tinha ouvido o segredo e até o Sol se voltava para mim. Porque êste era forte, escondi-me na sombra da basílica. É que em Assis fica-se simples, pequenino, como um bafo respiração!

* * *

Tinha protestado a mim mesmo, não escrever uma só palavra sôbre Assis, como não escrevi sôbre Ávila, quando evoquei a *Espanha de Ontem*. De Florença falar pouco, como de Toledo também não tive coragem de falar. Rezar-lhes sim; mas guardar para mim o que não sei dizer e os alheios não devem saber. Os paralelos sentimentos são freqüentes entre certos burgos italianos e espanhóis. Em Siena, pesquisando os lugares pobres e cheirosos a flores, onde Santa Catarina viveu e orou, vieram-me mil vezes à recordação, os que Santa Teresa glorificou em Ávila, com a sua presença. Êstes dois países foram ricos de pobres e de santos; se um teve mais fidalgos, o outro teve mais guerrilheiros. De aí, a abundância

A Virgem e o Menino, por Cimabue, na Basílica de Assis

S. Francisco ladeado por Santo António, S. Luiz, S. Constâncio e Santo Ercolino, por Taddeo de Bartolo, no Museu de Perúgia

Um trecho de Assis, visto do campanário de Santa Clara

dos tais pobres e santos, os quais pela humildade e pelo martírio, fizeram a terra merecer o céu que a abençoa com a sua luz e ela fita eternamente, assombrada pela beleza dos clarões. Estas paixões provocam misticismos nos bons, e mistérios nas imaginações dos poetas. Os de Espanha eram lúgubres, violentos, sombrios de sangue; os de Itália são claridades, canções, festivais de flores.

Em Assis tudo é luminosidade e silêncio. Caminha-se de olhos espantados e em bicos de pés. O sol é forte, mas é gostoso sentir a pele crestar, visto ali a dor ser de benefício, por aquelas ladeiras arriba, pelos vãos dos arcos e das escadinhas, no meio das praças, nos descampados que nos levam a Santa Maria dos Anjos ou a S. Damião, nos jardinsitos das casas, nos claustros... Assis é um grande claustro a murmurar. Os forasteiros sobem ao Castelo — la Rocca —; cortam um parque para irem à Catedral, com o seu campanário alto; vão ver o templo de Minerva, com a tôrre pegada e a fonte no canto da praça; vão ao Monte Frumentário; vão ver as casas emparedadas; vão ver o buraco onde nasceu o Poverello; vão admirar S. Bernardino; vão orar nos Cárceri de S. Damiano; grimpam ao Monte Subásio e colhem lembranças dos ciprestes e das oliveiras no caminho; visitam Santa Clara; rezam na Porciúncula, que como jóia dentro de Santa Maria, é guardada por serventes de libré; e por fim, penetram na Basílica de S. Francisco, descendo ao pavimento baixo, depois à cripta e por fim ao piso de cima, percorrendo o convento, beijando as pedras sagradas que o Santo pisou, ajoelhando diante de Giotto e de todos os outros divinos pintores, acendendo lumes no altar-sepulcro e tocando as túnicas e as relíquias do Poeta. Estes forasteiros, sossegados peregrinos sem formaturas militares, não deixam segrêdo sem espiolhação, mas fazem-no em silêncio, cristãmente, franciscanamente.

E' que de cada toca se espera ver sair uma voz de bondade e de cada ramo um chilrear de alegria. A meditação em Assis é perigosa e de confortável contentamento. Fascina e converte. A imaginação mistura-se com as lembranças do Meigo Penitente e com a verdade que êste por lá deixou, cobrindo tudo como uma bênção ou uma patina, tornando arriscada a vida de quem, isolado, se dá ao gôzo de sonhar bemaventuranças fraternais, de labor e de humildade. De cada pedra, soleira de porta, degrau de escada, ruína de igreja ou borda de tanque, surge-nos a figura humana do mais cristão Poeta do mundo, magro e descalço, belo e de corda à cinta, com musicalidades na voz, fazendo pregações de amor e de paz, falando aos passarinhos, às águas, às árvores, e chamando irmão a todo o ser rasteiro, alado ou felino, e até aos próprios elementos, cantando sempre a sua amada Pobreza, a paixão por Jesus e o perdão dos homens!

E' arriscada a demora em Assis aos espíritos dados à contemplação e às desilusões da existência comum. O grande exemplo e a música das almas por ali esquecidas a mendigar e a rezar, assim como converteram Pedro dei Cattani e Bernardo de Quintavalle, jurista um e opulento o outro, são bem capazes de transformar todos os lobos maus, quanto mais os fracos e bons que tiveram a fôrça de voltar costas aos luxos e às ambições. Assis atrai e é doloroso fugir-se-lhe. Os enredados de ideal, como eu, ainda que magoados pela injustiça dos semelhantes, tomam a custo, a coragem nas mãos, e afastam-se cheios de tentações e já saüdosos, pela estrada que a liga Assis a Perúgia, voltando às labaredas do destêrro no Sonho, à descrença dentro da Verdade, à renúncia pela Independência. Um dia virá, fatalmente muito tarde, que desfeitos os anos na tristeza do combate e na dor da desesperança, chorarão o remorso de terem abandonado a alegria daquelas vozes, daquelas cantigas resignadas, místicas e líricas ao mesmo tempo, das pedras, das flores e dos sinos de Assis. Mas como a vida é tecida de ilusões e de quebras, e portanto, angustiosa de arrependimentos, resta à cobardia ou à fôrça, que os origina, a resignada certeza, para penetrar na morte, de que todos os pecados e tôdas as virtudes, obra de Deus igualmente, sofridas por amor a qualquer ideal, se causarem um remorso ou uma ruína, foi *por bem*.

*

* *

A Úmbria é extensa e deslumbrante. Foligno, com a sua beneditina abadia de Sassovivo, a sua Sé e o seu Palazzo Trinci, repleto de frescos, é atraente; Spoleto e Trevi, cantados por Byron, são encantadores rincões de paisagem e de arte, pitorescos e ricos de lembranças pre-históricas; Montefalco é um museu de Tibério de Assis, de Mélanzio e sobretudo de Gózzoli, o mago que ali atrai os artistas; e por último Orvieto, assente em monte maravilhoso de efeitos medievais, com a sua catedral semelhante à de Siena, pejada de obras-primas de Signorelli, miguelangesco nas composições, do Beato Angélico, Gentile da Fabriano, de Lippo Mémmi, Pietro di Púccio e de Ugolino de Ilário, arrasa os pobres peregrinos da beleza com os seus palácios dos Papas e do Capitão do Povo, não falando nos apocalípticos baixos-relevos pisanos da fachada da Sé e da imaginária famosa dos seus nichos, onde, segundo a tradição, trabalharam 150 escultores.

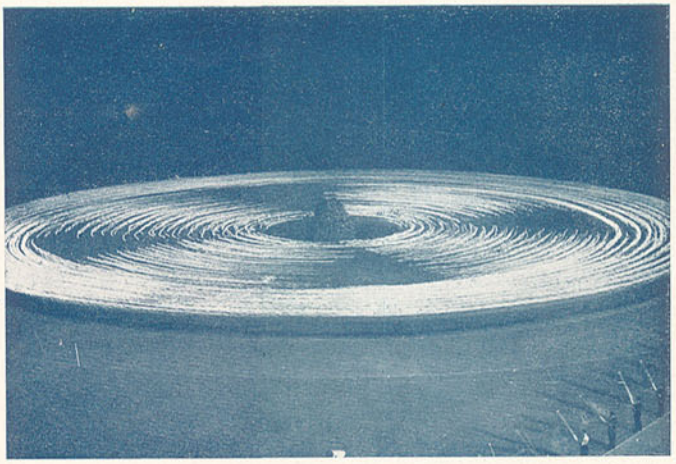
Depois da Toscana, a Úmbria é a perdição dos vagamundos.

DIOGO DE MACEDO

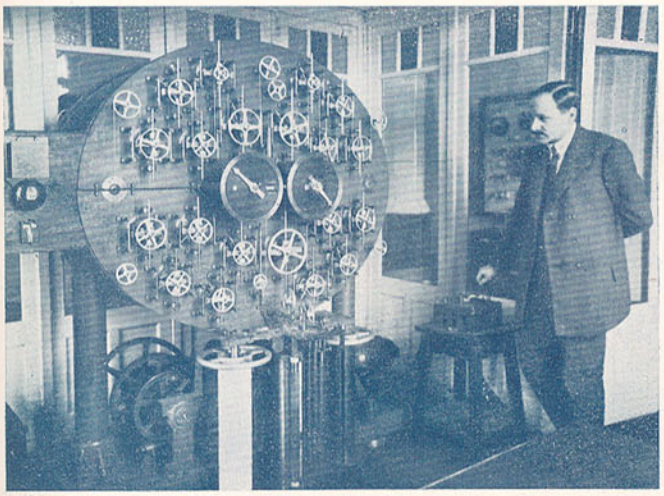
A fuga para o Egipto, por Giotto

INVENÇÕES E INICIATIVAS ALEMÃS

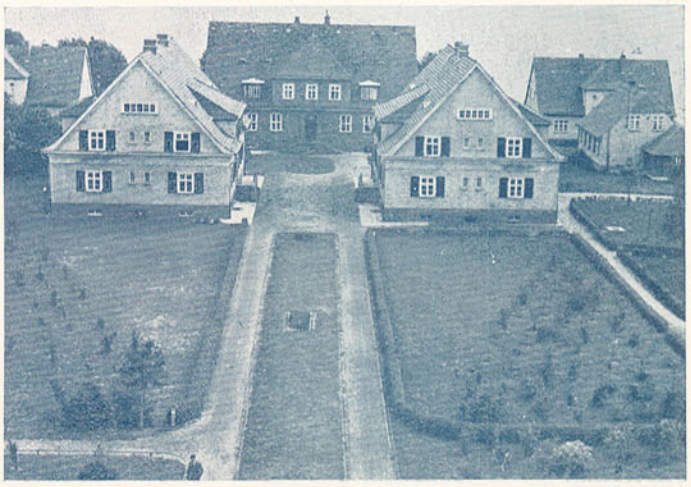
Em Breslau foram instalados altos falantes que habilitam a população desta cidade a tomar parte em todos os factos notaveis que interessam á Nação. Este melhoramento estender-se-á a todas as cidades alemãs



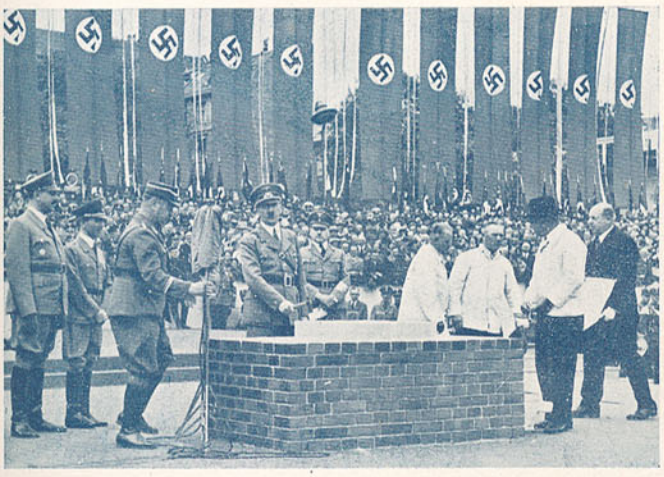
Na festa do solstício no Estadio Olímpico de Berlim viu-se esta ardente roda solar formada por 2.500 portadores de tochas com o montão de lenha no meio, produzindo como se vê, o mais belo efeito



O contador mecânico para prea-mar e baixa-mar que calcula, por minuto e centimetros, os momentos mais importantes de fluxo e refluxo para 900 postos maritimos. Encontra-se no observatório de Hamburgo



O Instituto de Investigação na ilha de Riems que está expandindo o invento contra a afta no gado. O efeito profilático realiza-se em dez dias, chegando o gado vacum a ficar imune por quatro meses



Hitler colocando a primeira pedra para a constração da «Casa do Turismo Alemão», iniciando-se assim a transformação arquitectónica da cidade de Berlim, segundo o plano do Professor Speer

Um auto-giro efectuou um vôo desde Bremen a Berlim — 230 quilómetros — que constituiu um *récord*. A gravura acima mostra o engenhoso aparelho elevamdo-se no ar para começar o vôo

O Grupo do Sporting Clube de Portugal, triunfante no campeonato nacional de football

A QUINZENA DESPORTIVA

DURANTE dois meses vai ficar paralisada por completo no país a actividade do futebol, cuja última manifestação da temporada foi o jôgo final do campeonato máximo, disputado no Estádio do Lumiar entre os dois clubes mais populares e mais importantes do nosso meio desportivo.

O acontecimento teve foros de sensacional, mas passaram já sôbre êle número de dias suficientes para que não possa considerar-se facto de actualidade nem mereçam interêsse largos comentários a seu respeito. Pelo hábito de registar nas nossas crónicas tudo quanto mereça realce na vida desportiva nacional, não podemos, contudo, omitir citação que aproveitaremos para analisar no conjunto a época do futebol português.

O encontro Sporting-Benfica em luta decisiva para o título, o segundo na história do campeonato nacional, decidiu-se a favor do primeiro que assim desforrou o desaire sofrido na outra final contra idêntico adversário, em 1935.

Ganhando êste jôgo por 3-1, o Sporting Clube de Portugal obteve a sua 53.ª vitória sôbre o Sport Lisboa e Benfica em 123 encontros dos quais 47 foram favoráveis ao rival e 23 concluiram em igualdade de marcação; ao cabo de 31 anos de competição ininterrupta, os dois clubes lisboetas de maior historial desportivo, os ídolos da população freqüêntadora dos campos de bola, prosseguem lado a lado em busca da vantagem que nenhum conseguiu ainda alcançar de maneira significativa. É curioso verificar que ao cabo de 123 jogos espalhados desde 1 de Dezembro de 1907 a 26 de Junho de 1938, a diferença de resultados seja favorável aos "leões» apenas por 6 vitórias e 9 bolas (211-202); rivalidade cerrada que se pode alargar aos terrenos da competição indirecta pois também se encontra nas listas de vencedores dos torneios oficiais, onde figura o Benfica com 9 vezes campeão de Lisboa e 3 vezes campeão de Portugal, pôstos que o Sporting conquistou, respectivamente, 12 e 4 vezes.

Só no torneio da Liga, o Benfica leva a melhor, pois ganhou três vezes seguidas a prova que o Sporting nunca conseguiu trazer na bagagem.

Na época de 1937-1938 pode afirmar-se com propriedade que campeão de Portugal foi, de facto, o campeão da temporada.

Antes de ganhar aos "encarnados» a final do torneio, o grupo sportinguista disputara, desde 12 de Setembro do ano passado 38 jogos, dos quais venceu 32, empatou em 3 e perdeu outras três, marcando 175 bolas contra 56 apenas que sofreu; sete dos seus jogadores foram selecionados para a equipa nacional e o avançado-centro, Fernando Peyrotêo, um estreante no futebol metropolitano afirmou-se realizador formidável obtendo para o seu clube 71 pontos, sendo 34 no campeonato da Liga, números êstes que representam "records» individuais.

A característica mais animadora do ano encontramo-la, porém, na intensificação da nossa actividade internacional e no excelente comportamento do grupo representativo que nos trouxe três vitórias, um empate e uma derrota gloriosa, mais prestigiante no conceito da crítica estrangeira do que alguns êxitos demasiados expressivos para serem considerados normais.

Estes resultados classificam-nos entre as nações que melhor média conseguiram no conjunto da sua época internacional; dos 29 países que tomaram parte nos 80 encontros internacionais disputados na Europa desde Julho do ano passado, só dois, a Itália e a Escóssia, conseguiram não ser batidos, concedendo apenas dois e um empate, respectivamente, e entre os restantes a percentagem de pontos perdidos (contando um ponto por derrota e meio ponto por empate) é superior à de Portugal, com excepção da Húngria, Inglaterra e Polónia.

Não quer isto dizer que sejamos melhores do que todos os outros, mas simplesmente que o nosso comportamento perante adversários de categoria foi de natureza a honrar as tradições do desporto nacional e a reconquistar um aprêço perdido por largo período de isolamento.

Aproveitando o benefício dos dois meses de repouso benvindo, os jogadores portugueses oferecem-nos para a época próxima a garantia de confirmação do valor esta época revelado; fechamos a porta ao ano "futebolístico» com a lisonjeira impressão de apreciável lucro na gerência, cujos juros serão cobráveis pelo tempo adiante.

■

Dois anos volvidos sôbre a data da sua única derrota, o pugilista negro americano Joe Louis tirou, do vencedor de então, implacável desforra.

Ficou célebre, e portanto inesquecida, a forma inesperada como, em 1936, o alemão Max Schmeling bateu decisivamente o negro, pondo-o fora de combate em meia dúzia de assaltos; o triunfo alcançado pelo alemão, conferindo-lhe o título de campeão mundial pouco tempo lhe aproveitou porque foi logo batido no combate seguinte e, de mãos em mãos, o trofeu glorioso veiu parar à posse de Louis de forma que, agora, ao travar de nova luta, se verificava a situação paradoxal de ser campeão o vencido de outrora e simples pretendente o homem que o batera.

Afinal, a decisão confirmou a posição relativa dos dois pugilistas, e Louis não precisou de mais do que 2 minutos e 4 segundos para deixar estendido no solo pela conta fatal o desditoso Schmeling. Ao combate, realizado no Yankee Stadium de Nova York, assistiram 72.000 espectadores e a receita ascendeu a 900.000 dólares, a bagatela de vinte mil contos, em números redondos; como o vencedor recebia quarenta por cento do rendimento bruto, o negro americano embolsou à razão de 63 contos por segundo de combate, verba que deve constituir máximo na história do desporto profissional.

As características dêste encontro foram fundamentalmente diversas do de 1936; Joe Louis entrou logo em rápida ofensiva, encarniçando-se sôbre o adversário que sucumbiu ante a verdadeira avalanche de sôcos, caindo uma primeira vez. Aos dois segundos o alemão levantou-se para retomar a luta, mas quási de seguida recebeu novo golpe que o faz cair outra vez, ficando em terra durante cinco segundos; ergue-se por um esfôrço de vontade, obedecendo mais ao instinto reflexo do que ao mando da consciência e, momentos depois, um directo ao queixo fá-lo tombar inerte. Era o fim.

No dia seguinte ao encontro, Schmeling recolheu ao hospital, mostrando a radiografia que sofrera fractura da terceira vértebra lombar; à volta do incidente surgiu polémica, aventando-se a possibilidade de sôco irregular, mas como ninguém o viu antes de firmado o diagnóstico, parece mais provável que a lesão haja resultado da violência do choque contra o sobrado, numa das quedas.

Nos comentários da imprensa, cujos enviados assistiram à pugna, transparece a impressão da forma violenta como Louis se lançou ao ataque, parecendo animado por sentimento de implacável ódio contra o adversário, esquecendo preceitos de táctica ou técnica para apenas bater, bater com fúria e fazer pagar cara a ousadia do único homem que o fizera ir ao chão entre as cordas dum estrado.

■

O segundo período das competições de atletismo, reservado às provas de júniores, foi consideràvelmente superior ao primeiro e, tanto nos regionais como nos nacionais, não deu motivo a que sejam repetidos às críticas registados na crónica da quinzena precedente.

As entidades organizadoras procuraram remediar os êrros antes verificados, conseqüência de excesso de tolerância, e os campeonatos decorreram com muito maior regularidade, dando já aos espectadores a impressão agradável de provas disciplinadas. Infelizmente, para não perder o hábito da censura, existe ainda em parte dêstes espectadores uma mentalidade incível que mostra o esfôrço ainda necessário para generalizar a educação desportiva cuja primeira base é o respeito pelo adversário e pelo trabalho dos que aceitam a ingrata tarefa de dirigir.

Há certas colectividades que se especializaram na mania da perseguição e para cujos partidários a derrota dos seus representantes é sempre uma injustiça provocada pelo parcialismo dos dirigentes das provas; o costume intolerável de insultar o árbitro transitou dos campos de foot-ball para as pistas de atletismo, levado pelo público e pelos chefes orientadores de agremiações viciadas pela bola e que agora transitaram com êsses vícios para um desporto diverso e que sempre viveu em atmosfera de moderação e civilidade.

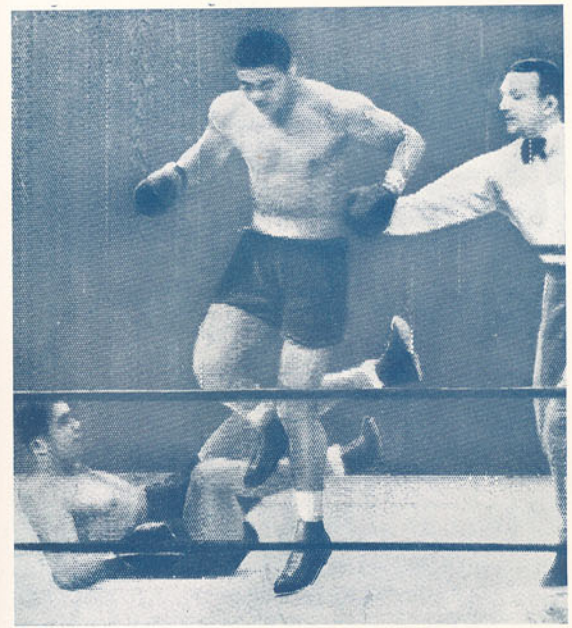
Toda a energia que se empregue para reprimir os abusos desses díscolos inconscientes ou dos seus incitadores espertalhões, é aplaudível; aos primeiros opõe-se-lhe a polícia, zeladora dos bons costumes, e aos segundos aplica-se cura radical escorraçando-os do terreno que só deve ser pisado por pessoas desportistas de espírito e de corpo.

Encerremos, porém, a crónica, com referência menos amarga; no Estádio do Lumiar, no dia 3 de julho, foi enfim ultrapassado um máximo nacional que durou 23 anos, o de salto em altura.

Foi um especialista do foot-ball, dotado de excecionais qualidades naturais que efectuou a proesa: o avançado centro do Benfica, Guilherme Espírito Santo, transpoz 1,m825 em estilo rudimentar, quási sem preparação, o que permite afirmar, que, devidamente orientado, poderá obter resultado de grande categoria internacional.

SALAZAR CARREIRA.

Na final do campeonato de football, ganha pelo Sporting, os seus avançados nunca concederam tréguas à defesa benfiquista



A primeira fotografia do derrube de Schmeling no seu combate contra Joe Louis, transmitida pela rádio, mostra a fase decisiva do maior drama desportivo do ano

O popular footbolista Espírito Santo, bateu o máximo português do salto em altura, transpondo 1,825

Um escritor discutia com um político sôbre assuntos literários, sendo as conclusões do politico muito pouco satisfatórias.

O escritor então diz-lhe:

— Olhe meu amigo, trate lá dos seus trabalhos eleitorais e intrigantes, deixe-se destas discussões porque você nem sequer escreveu uma linha...

— Que tal está o figurão! — exclama o politico. — Tambem você nunca pôz nenhum ôvo e naturalmente sabe melhor apreciar uma "omelete» do que uma galinha!...

■

Galanteio sincero:

Chega-se um negociante de gado suino a uma porta e pregunta para dentro:

— E' aqui que mora o "sôr» Anaceto, que tem uns porcos para vender?

Salta de lá uma rapariga dos seus dezanove anos, muito interessante, que lhe responde amávelmente:

— Sim, senhor, é meu pai!

O negociante fica extasiado perante a beleza da moçoila, e exclama:

— Se os porcos fôrem parecidos consigo, devem ser uns lindos bichos e valem mais cinco escudos cada arrôba!...

■

Numa rua estava um cego a pedir esmola.

De repente, ouve-se muita gente a gritar que fugissem, porque andavam dois toiros tresmalhados.

O pobre cego pedia em altos gritos, por caridade, que o metessem numa escada. E neste momento recebe uma tremenda marrada dum dêles que o atirou para dentro duma escada que tinha a porta aberta por trás dêle.

— Obrigade, meu caro senhor, mil vezes obrigado pelo seu favor! Mas escusava de ser com tanta fôrça!

■

Um médico auscultando um cliente:

— O senhor não está melhor porque tem abusado das comidas. Isto assim não pode continuar e o regime tem de entrar nos eixos! Hoje vai alimentar-se com qualquer coisa ligeira e ámanhã cá voltarei para se ver a diferença.

No dia seguite, o médico encontra o doente pior e pregunta-lhe:

— Fez o que eu lhe disse ontem?

— Sim, senhor doutor, comi a coisa mais ligeira que podia ser: foi uma lebre!...

■

Numa rua estreita segue um indivíduo a cavalo. Um sujeito que se aproxima pregunta ao cavaleiro:

— Posso passar sem receio?

— Não há novidade, pode passar. O cavalo é muito manso!

Nesta altura o cavalo atira o cavaleiro ao chão e ferra-lhe um coice.

— Não está má a sua garantia! — grita-lhe o outro de longe.

— Pois creia que é a primeira vez que o cavalo se engana! — replica-lhe o cavaleiro — Isto costuma ser sempre para os outros!

■

— Que está você aí a fazer, estatelado no chão? Levante-se já!

— Ó sr. guarda, não posso, porque estou com um grande ataque de "gota»!

— Você está, mas é com a pinga!...

— Há-de ser isso, mas cá para mim, "gota» ou "pinga» são sinónimos.

■

Numa livraria da Baixa.

Entra um campónio e pregunta a um empregado se vende livros.

— Está claro que sim, isto não está aqui para meter vista!

— Então venda-me um livro de papel "zig-zag». E se não tiver dessa marca, pode vir um de alcatrão!

■

Numa estação do caminho de ferro, um passageiro indignado:

— Isto chega a parecer impossivel!... Os comboios chegam sempre atrazados! Farta-se aqui um sujeito de esperar, a perder o seu tempo!

O chefe da estação responde:

— Essa agora, tem muita graça! Se os combóios chegassem sempre á tabela, para que serviriam então as salas de espera?...

■

Um parlapatão a presumir:

— Imagine meu amigo, o que na Serra da Estrela, há uns quinze dias me aconteceu:

Fomos a uma caçada, eu afasto-me do grupo por um motivo vulgar, e nesta altura aparece-me um lôbo...

— Já sei, já ante-ontem me relatou isso!...

— Não pode ser! Pois se me contaram isto ainda há bocado!....

■

O marido. — Estou um pouco neurasténico! Tenho de ler qualquer coisa que me excite os nervos! O que há-de ser?

A esposa. — Vou num pulo buscar as contas do sapateiro e da modista e verás como isso te passa já...

■

O ensaiador teatral:

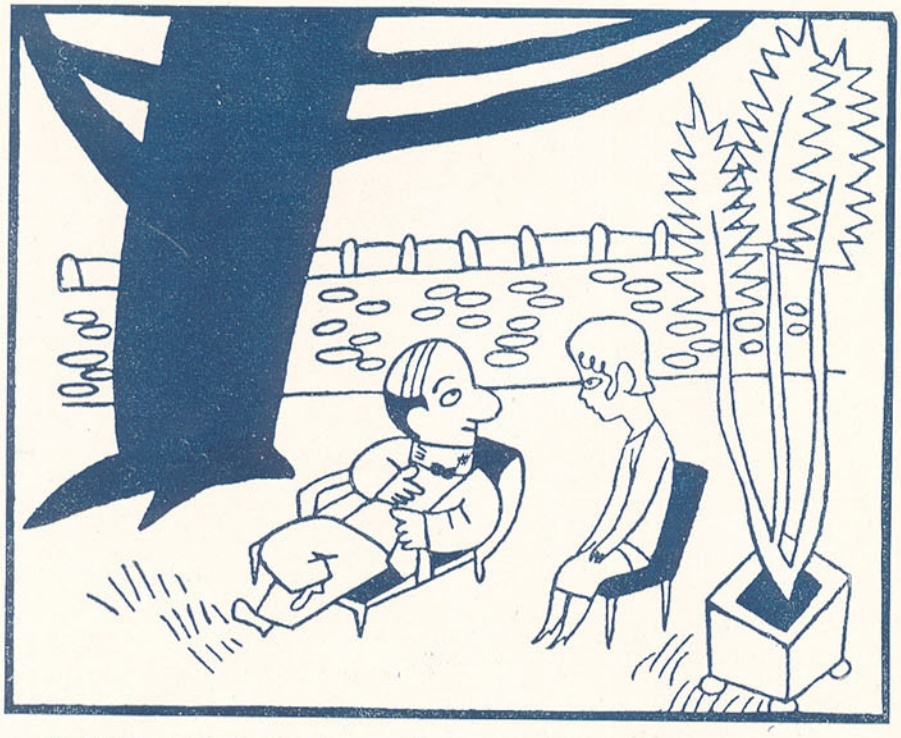
— Parece-me melhor que o personagem se mate com um tiro, de que por meio de veneno...

O auctor da peça pregunda admirado:

— Porque é que o senhor diz isso?

O ensaiador responde-lhe:

— Como o suicídio se dá no fim do último acto, o tiro faz barulho e será a maneiro mais fácil de acordar os espectadores, para se irem embora!...



— A minha divisa, minha senhora, tem sido sempre «mãos limpas e consciência sem mancha»...
— E' pena, meu caro senhor, que o seu colarinho esteja tão enxovalhado!...

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No São Luís-Cine

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.ª D. Adelina Machado Fernandes Santos, foi levada a efeito no São Luís-Cine, na noite de 28 de Junho, passado, uma récita de caridade por distintos amadores, pertencentes também à nossa melhor sociedade, cujo produto se destina a favor da Assistência Paroquial, aos doentes pobres da freguezia de Santos-o-Velho.

Constou o programa da récita que era dividido em quatro partes, de vários bailados por crianças, ensaiados pela distinta bailarina Ruth Asvin, entre os quais são dignos de nota especial os mais pequenos dansarinos da troup, as meninas Ana Maria Martins e Maria Verdiana Malta Emauz e o menino João António Martins, que compunham a primeira parte.

A segunda e terceira, foi constituída pela representação da opereta em dois actos «Desfolhada», original da brilhante escritora e distinta advogada sr.ª dr.ª D. Maria Candida Parreira, com música adequada, à qual os distintos amadores deram grande realce, sôbre tudo as senhoras D. Cecília Maria de Castro Pereira de Carvalho e D. Maria Tereza Emauz, dois temperamentos diversos, que tinham a seu cargo os dois principais papeis femininos, aos quais imprimiram extraordinário relêvo, tanto cantando como representando.

A última parte constou de um acto de «music-hall», em que se destacaram a sr.ª D. Julieta de Castro Ferreira, em vários «foros», que confirmou mais uma vez o êxito que já o ano passado tinha obtido, e D. Manuel Portugal, que deliciou a selecta assistência, cantando com muita arte e sentimento, vários «tangos», os restantes números dêsse acto, fôram constituídos por vários bailados, entre os quais se destacou uma «valsa» dansada por onze pares, com muita graciosidade e elegância.

Nêsse acto as apresentações fôram feitas pelo sr. dr. José Duarte Figueira (Figueirinhas), que também interteve o público, contando anécdotas, que causaram franca hilariedade.

A comissão organizadora deve de-certo ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

Jantar á Portuguesa

A favor da Assistência Social do 7.º Batalhão da Legião Portuguesa, realizou-se na noite de domingo 3 do corrente, no salão do «Retiro da Severa», uma festa de Caridade, levada e efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade sôb a presidência da sr.ª condessa da Fóz, e da qual faziam parte D. Adelaide Bramão, D. Beatriz Figueira Freire da Costa Veiga, D Carmen Morales de los Rios de Castro, D. Celeste de Lis Teixeira de Mendonça, condessa de Avilêz, condessa de Cabral, condessa d'Eltz Saldanha da Gama, D. Eugénia Soares de Oliveira, D. Francisca Saldanha (Almoster), D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Josefina Morales de los Rios Frois, D. Luiza da Costa Cabral de Macêdo, D. Maria Adelaide Soares Cardoso Cruz, D. Maria Ana Barros Lamas, D. Maria do Carmo da Câmara de Castelo Branco, D. Maria Madalena Simões Alves, D. Maria Pollen de Campos Andrade, e D. Mécia de Sttau Monteiro Ferreira da Silva.

Constou a festa do «jantar à portuguesa», servido por um gracioso grupo de senhoras pertencentes à nossa primeira sociedade, seguido de baile, que foi abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band» que se fez ouvir num belo reportório de músicas modernas, exibindo-se nos intervalos de cada dansa, em vários números do seu vasto reportório, o aplaudido grupo folclorico de Vila Franca de Xira, que se fez acompanhar da sua orquestra típica, sendo frenèticamente aplaudida pela selecta assistência que enchia por completo o vasto salão do «Retiro da Severa» que nessa noite viveu alguns momentos que dificilmente se apagarão da memória de todos aqueles que tiveram a felicidade de a êles assistir.

A comissão organizadora, está extremamente grata, não só com o gerente da casa sr. José Jorge Alves Soriano, que foi inexcedivel de amabilidade, para com a comissão, pelas facilidades que lhes dispensou.

Festa como esta, honram sôbre maneira quem as organiza, pois, juntam o útil ao agradável.

No Casino Estoril

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de sábado, 2 do corrente, no salão do restaurante do Casino Estoril, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, composta das seguintes senhoras: D. Antónia da Cunha Franco, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Clotilde Ferreira do Amaral de Figueiredo, condessa de Almoster, condessa de Murça, condessa de Peniche, condessa de Vil'Alva, duquesa de Palmela, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Eugénia Maria Perestrelo de Mozer, D. Judite Maia de Carvalho, D. Maria do Carmo de Figueiredo, D. Maria Herminia Craveiro Lopes de Oliveira, e D. Maria Luiza Corrêa de Sampaio Posser de Andrade, que constou de concêrto de música sacra e profana, executada pelo brilhante professor do Conservatório Nacional de Música, sr. Rosa de Carvalho, no órgão e pelo orfeão do Asilo de Santo António do Estoril, sucursal das Oficinas de S. José de Lisboa, a favor de quem revertia o produto da festa, sôb a direcção do sr. dr. José M. Alves.

Todos os números do sensacional programa tanto os de música sacra, como de música profana, fôram delirantemente aplaudidos, tendo o distinto professor sr. Rosa de Carvalho, mais uma vez confirmado o êxito que obtivera no Eden-Teatro, num concêrto que ali levou a efeito, bem o sr. dr. José M. Alves, que dirigiu com tôda a proficiência o órfeão do Asilo.

Casamentos

Em Niza, celebrou-se na paroquial do Espírito Santo, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Miguens Vieira, gentil filha da sr.ª D. Laura Miguens Vieira e do sr. José Diniz da Graça Vieira, com o sr. dr. António Barata Galhardino Graça, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Barata Galhardino Graça e do sr. dr. Luís Galhardino Graça, já falecido, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Maria Henriqueta Mascarenhas Vieira e a mãe da noiva e de padrinhos os srs. dr. José Caldeira Miguens e o engenheiro Manuel Barata Galhardino Graça, presidindo ao acto o reverendo Sebastião Martins Alves, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência do pai da noiva, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, onde vieram fixar residência.

— Celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Julieta Velhinho Pereira, com o distinto alferes sr. José Manuel de Souza e Faro Nobre de Carvalho, filho da sr.ª D. Júlia de Souza e Faro Nobre de Carvalho, já falecida e do sr. José Nobre de Carvalho, tendo servido de padrinhos da noiva o sr. Ferreira Canelas e sua esposa, e do noivo sua tia a sr.ª D. Maria Luiza de Souza e Faro de Menezes, e seu tio o sr. conde de Souza e Faro.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos que seguiram para Nova-Gôa, India Portuguesa, onde fôram fixar residência, grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho Acácio Victor, distinto delegado do Procurador da República. na comarca de Vimioso, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Tereza Bartolo Ferreira, viuva do saudoso Desembargador da Relação, sr. dr. Acácio Jaime Ferreira, a sr.ª D. Maria Leopoldina de Miranda de Menezes Cordeiro, gentil filha da sr.ª D. Maria Emília Vergueiro de Sá Miranda e Cordeiro, já falecida e do sr. dr. António de Menezes Cordeiro, devendo a cerimónia realizar-se ainda êste ano.

Casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Miguens Vieira com o sr. dr. António Barata Galhardino Graça realizado em Niza. (Foto Alvaro Campião)

— Para seu filho Armando, distinto alferes aviador, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Ester Fragoso de Sacadura Falcão, viuva do sr. dr. Armando de Sacadura Falcão, a sr.ª D. Mariana Ponces de Carvalho de Albuquerque e Amaral, interessante filha da sr.ª D. Glória Ponces de Carvalho de Albuquerque e Amaral e do meretíssimo juiz do Supremo Tribunal de Justiça, sr. dr. Afonso de Albuquerque e Amaral, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Foi pedida em casamento pelo sr. Armando Pereira Magno, e sua espôsa, para seu filho Armando, a sr.ª D. Maria Irene Borges de Castro Proença Fortes, gentil filha da sr.ª D. Irene Borges de Castro Proença Fortes, já falecida, e do sr Adolfo Proença Fortes, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Pela sr.ª D. Laura Cardoso de Almeida Ferreira da Silva, esposa do sr. dr. Ferreira da Silva, foi pedida em casamento para seu filho e enteado, sr. Joaquim Trigueiros de Aragão de Almeida Osório e Castro, a sr.ª D. Maria Angélica de Portugal Lobo de Vasconcelos Trigueiros de Aragão, gentil filha da sr.ª D. Ana de Portugal Lobo Teles de Vasconcelos Trigueiros e do sr. António Trigueiros de Aragão (Idanha-a-Nova), devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Pela sr.ª D. Esperança Liz Teixeira Santa Clara da Cunha, representando sua sogra, a sr.ª D. Maria Estrêla Ribeiro da Fonseca Santa Clara da Cunha, viuva do coronel sr. Henrique Herculano da Cunha, e pelo distinto engenheiro sr. Francisco Santa Clara da Cunha, foi pedida em casamento para seu filho e irmão Mário Rafael, a sr.ª D. Maria Berta Vasconcelos Fernandes Sadio, interessante filha da sr.ª D. Júlia Vasconcelos Fernandes e do sr. António Joaquim Saraiva Sadio, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

Nascimentos

— A sr.ª D. Francisca de Jesus Viegas, esposa do sr. José Maria de Almeida, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão bem de saúde.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Emília Sobral, esposa do sr. dr. Luís Gago da Câmara da Cruz Sobral, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Daniel Monteiro. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno

NO EXTREMO ORIENTE

A GRAVE SITUAÇÃO ECONÓMICA JAPONESA

De como o Sol Nascente quis evitar o seu ocaso

Imperador Hirohito

O Japão encontra-se envolvido numa acção militar na China em que, por assim dizer, hora a hora, se sente mais prêso. Três factores principais o empurram cada vez mais para essa acção. São três estímulos infernais e irresistíveis: uma tremenda pressão de dentro do próprio Japão; a ressurreição iminente da China e a política hoje quási anodina da Grã-Bretanha e talvez da Rússia, no extremo oriente.

Dêstes três factores o primeiro é o mais importante. Há uns milhões de criaturas apavoradas, esmagadas entre as tenazes de salários baixíssimos e o preço sempre crescente dos géneros de alimentação, a quem é necessário acudir com meios eficazes e o mais ràpidamente possível — antes que seja demasiadamente tarde. A industrialização de um país essencialmente agrícola como o Japão, arrastou consigo aqueles mesmos problemas, que embaraçaram os países ocidentais, durante todo o século passado. O fenómeno tem mais acuidade, no Japão do que no ocidente, porque aquele país de um único ímpeto saltou para a idade da indústria e como resultado vê-se forçado a encarar todos os problemas resultantes do seu novo estado de coisas, com uma intensidade concentrada. No Japão tudo vai ao superlativo: o capitalismo é um supercapitalismo; o patriotismo é um superpatriotismo e a indigência é igualmente uma miséria extrema. Há umas cinco famílias de uma riqueza fabulosa, que detêm o monopólio da produção industrial, o comércio, a banca e os meios de transporte. Essas cinco famílias compõem uma oligarquia de barões, que mandam na Dieta e governam o Japão. As matérias primas vinham do estrangeiro a preços baratos e por grosso; eram manufacturadas pelo operário japonês a salários muito reduzidos e vendidos para o estrangeiro novamente, ainda a baixo preço. As circunstâncias, por isso, mudaram: o Japão da actualidade tem de lutar no estrangeiro com barreiras comerciais difíceis de transpor, agravadas com os preços sempre crescentes da matéria prima, de forma a afectar o lucro dos produtos na dependência completa da matéria prima. Em resultado desta situação, elevou-se o preço do retalhista e portanto o índice da vida económica. Deu-se simultâneamente um aumento nas horas de trabalho, devido à produção industrial, que aumentou, especialmente nas indústrias da guerra, com o acompanhamento do preço do salário sempre na descida. Com o preço do salário o problema é de solução difícil, porque não é possível elevá-lo acima do nível do salário normal do trabalhador rural. Se assim acontecesse as cidades industriais ver-se-iam imediatamente invadidas por uma multidão de gente não preparada que faria falta à agricultura. É certo que ùltimamente a situação do trabalhador rural melhorou, devido a um aumento no rendimento das sedas e outros produtos agrícolas, mas a maior parte dos benefícios colhidos são absorvidos pelos proprietários famintos. O govêrno por seu lado, com o fim de propiciar o camponês, diminuiu o imposto que incidia sôbre aquela parte da população e aumentou a contribuição urbana. Nesta atmosfera de uma alta tenção, surgiu uma terceira potência, que veio instalar-se entre o capital e o trabalho: o exército. Depois de ter servido de instrumento a um imperialismo industrial; depois de se ter batido a favor de um monopólio capitalista durante anos, acabou por converter-se em potência independente, que desafia direitas e esquerdas.

Neve numa rua nipónica

A manifestação do exército no mês de Fevereiro de 1936 foi muito significativa. O soldado, filho do camponês, viera de regiões rurais onde deixara a família em luta com a miséria e chegado à cidade deu de encontro com a riqueza ostentada pelos barões. A sua revolta foi, pois, uma reacção natural, sem resultados, porque não tinha a escudá-la qualquer fôrça social importante. A família, que deixou na aldeia ou no campo, nunca havia presenciado o luxo da cidade e não tinha portanto, motivo para se revoltar contra o desconhecido, mas o incidente foi uma manifestação de um exército que se converteu em potência contra o monopólio capitalista. A ambição suprema do exército é o mando, mas para obter o mando necessita do prestígio que dá a vitória. É necessária a glória conquistada nos campos de batalha para lhe dar o prestígio e supremacia sôbre as outras classes. Mas o industrial a-pesar-de ter tudo a ganhar com a capacidade de luta da nação, não compartilha em matéria de economia política, das ideias do exército.

Assim as pretensões a predomínio do exército lançaram o pânico a tal ponto que em 1936 o êxodo do capital foi de tal ordem que o Japão se viu na contigência de decretar um *contrôle*, sôbre divisas estrangeiras. De então para cá as circunstâncias têm-se agravado: o proletariado citadino foi-se organizando; a indústria luta contra os mercados estrangeiros, que se retraem e a vida vai encarecendo. E é necessário encontrar meios de alimentação para um povo, que aumenta na proporção de 239 bébés nipónicos rechonchudos por cada hora. A indústria não pode produzir e exportar com a mesma celeridade com que correm os prazos para o pagamento da matéria prima. As reservas metálicas, já de si fracas, foram-se exaurindo. Para equilibrar o orçamento, o govêrno emitiu uma quantidade de papel superior à capacidade de compra e o papel ficou por absorver. Foi comprado posteriormente pelo próprio govêrno.

Viu-se o Japão por essa forma à beira do precipício; todo o seu comércio e indústria tem por base a compra da matéria prima no estrangeiro, convertê-la em objecto manufacturado e reexportar para o estrangeiro a primitiva matéria convertida em artigo de uso comum ou objecto de arte. Não se podia pensar em desvalorizar o *yen* como meio de despesa porque com o yen desvalorizado não se compram matérias primas. ¿Mas seria absolutamente necessário comprar a matéria prima no estrangeiro? ¿Se fôsse possível obter êsse precioso elemento sem o pagar? Seria um belo negócio e estava ali a China, do Norte, numa situação tentadora, separada do Japão por um mar estreito, rico em ferro, sal e algodão.

Madame Chang-Kai-Chek

A China do Norte era um país com a sua antiga organização, com uma população densa, que poderia fornecer a matéria prima e absorver o artigo japonês. Era portanto ali que se encontraria o alívio para a situação alarmante do operariado; ao contrário da Mandchuria, país essencialmente rural, a China do Norte possuía inúmeras emprêsas comerciais, que se prestavam para absorver o excesso do trabalho do Japão.

E o exército caminhou galhardamente para as planícies a sul da Grande Muralha. Era indispensável uma acção rápida, não só porque era necessário acudir à situação aflitiva dentro do país mas também porque a China sob o comando do generalíssimo Chang Kai Chek que é hoje um dos homens de maior nomeada no extremo oriente, procedia a uma unificação rápida.

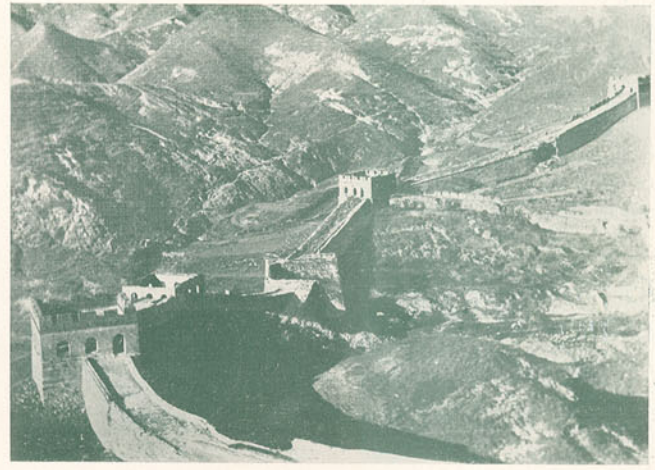
Além destas circunstâncias há a tomar nota de que a Gran-Bretanha está prestes a concluir o seu plano de defesa, que se estende desde Singapura até Hongkong, em que se gastaram milhões de libras. No extremo oriente espera-se, a cada momento, a chegada de uma esquadra britânica, para garantir os interêsses britânicos, que se desenvolvem de maneira pasmosa e o Japão necessita de marcar o seu lugar perante a Gran Bretanha, com *um fait accompli*. Além dos *dreadnoughts* britânicos, que vão surgir nos mares da China, aparecerão os barcos de guerra dos Sovietes, em construção nos estaleiros dos Estados Unidos da América, que rivalizam com a marinha de guerra nipónica.

O momento para a acção era portanto decisivo, senão o Sol Nascente ameaçava de cahir no poente. Empregaram-se as últimas reservas dos fundos nacionais para levar o exército ao campo de batalha e assombrar a China com uma acção simultânea em Changai. Adentro do Japão o povo foi atacado de uma crise de superpatriotismo e enquanto os grandes industriais continuam a desconfiar do exército, apesar das suas vitórias e os fundos expontâneos aparecem com relutância, os japoneses estão já estabelecendo feitorias, por êles administradas, na China do Norte.

Chang-Kai-Chek

O capitalismo evidentemente quere a paz, mas era o momento oportuno e irrevogável para o ataque japonês. Entre a ruína e a trincheira, o Japão preferiu esta última, lançando o exército contra a mais bela e mais antiga civilização do mundo.

ADOLFO BENARÚS



A Grande Muralha da China

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 18

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 9

(5.º NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (20 pontos)

Matina, Sevla, Infanta, Barão Y e Mirna

OUTROS DECIFRADORES

Ramon Lácrimas, Sol de Inverno, Agásio e F. J. Courelas — 20. M. A. P. M. Ti-Beado — 18. Diriso, Tarata, Visconde X e Dama Negra — 15. Larabastro — 12.

DECIFRAÇÕES

1 — Elegância. 2 — Finamento. 3 — Lado. 4 — Numeroso. 5 — Rosalina. 6 — Mo(ra)da. 7 — Eoo. 8 — Gentil-homem. 9 — Cáfila 10 — Siso. 11 — Traspasso. 12 — Vavava. 13 — Verme. 14 — Velhacada. 15 — Vergasta. 16 — Ve(xi)lo. 17 — Ba(lo)te. 18 — A(ra)me. 19 — Pro(ces)sa. 20 — bar(ga)do. 21 — Ma(ti)lha. 22 — A(ba)te. 23 — Antes quero burro que me leve que cavalo que me derrube.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ANTIGAS

1) O meu olhar é triste... descontente!
Já não tem o fulgor de um ser humano;
Foi, *para* mim, quimera, puro engano, — 1-2-5-4.
Foi chama que expirou indiferente.

O meu olhar é triste... já *não* sente — 3-4-3-4.
O lenitivo dum sorriso lhano...
E a tristeza que o invade num arcano
É *mágua* indicifrável, compungente... — 1-2-3-4.
.....

Ditosos dias meus, quando em criança
Embalado nos sonhos de ventura
Me julguei inda à *beira* da esperança. — 2-5-5-2.

Mas, ai! tudo foi sol de pouca dura!
Demente signo meu .. (senão vingança ..)
Sofrer eternamente esta amargura.

Lisboa *Fero*

(A Rocambole)

2) Infelizmente
Há certa gente .
Certas meninas
Das mais ladinas
Que pretendem casar, mas não ter filhos .
Chamando-lhes tropêços... empecilhos
Desnecessários...
Duros fadários!
Eis por êste facto o *motivo* — 1
Porque o censo é diminuitivo!..
Só querem liberdade,
Viver sempre à vontade,
Bem passeadas...
Melhor tratadas,
Não faltando jóias e vestidos caros,
Boas peles e outros adereços raros.
Para aquelas que pensam assim
Nunca existe o mais leve *quindim!* — 1
Porém, ai pobre do marido
Que sem qualquer culpa é punido
Por uma dessas tais cabeças no ar!...
Val'mais desapar'cer, ir-se afogar...
Pois de contrário
É necessário
Ter paciência dessa tal
Que só à dum santo é igual!
E se, acaso, não há nenhuma *intriga* — 1
Bem vai a coisa... bem vai a cantiga!...
Tudo vai prosseguindo
De aspecto feio ou lindo.
O diacho é se alguém mete a colher,
Como se diz, entre o marido e a mulher!
É caso p'ra endoidecer
E o amor à vida perder
Despresando êsses tristes preconceitos
Que a sociedade julga sem defeitos,
No seu pensar tresloucado
Fementido e *limitado*.

Lisboa *Infante*

3) Era bela a aguardente,
Um primor... bebida logo,
Transformou-me de repente
As tripas tôdas em *fogo!* — 2

— Não me *morda* na barriga, — 2
Dizia eu à danada ..
Mas que cachaça, que espiga,
Oh que *pinga* endiabrada!

Lisboa *Rás Kassa*

ENIGMAS

(Ao amigo «Ordisi»)

4) No meio da terra nú
o Pai Adão apar'ceu
Deus o fez de barro cru
e na terra assim viveu

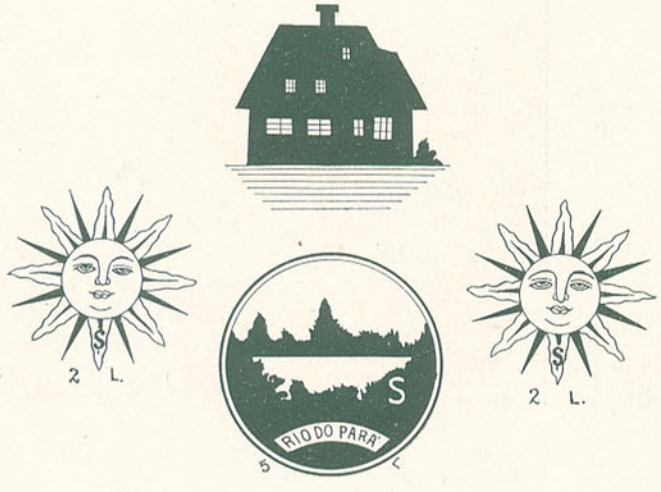
Comendo o fruto proibido
sem saber, Adão pecou;
logo Deus enfurecido
sem *amor* o castigou.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

5) Confrade, se é matemático,
homem de grande saber,
ad'vinho, com rapidez,
o que aqui lhe vou dizer:

O princípio é princípio,
veja lá, que doação...
depois... sómente lhe digo,
que sofre do coração.

22) ENIGMA FIGURADO



Lisboa *Matina*

Por isso tire-lhe de lá,
a sua cruel desgraça,
pois não custa mesmo nada,
e muito pouco vos maça.

Posto isso, colocará,
onde mais lhe aprouver,
um certíssimo e novo âmago.
Isto, se o senhor, quizer ..

E, pronto... já 'stou cansado...
até me sinto mui mal,
contudo, adeus, vou p'ra uma,
folgança do carnaval.

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

6) Se uma letra for ligada,
Mas que seja consante —
A' medida, eis a meada
Descoberta num instante.

Não precisa de conceito
Para achar a solução,
Mas como dá-lo é preceito...
— Tem a forma dum *canhão.*

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

7) Sob o sol que *queima*, mas *escorado* pela fé, morre o escravo *oprimido do trabalho rude e sem descanço.* 2-3.

Lisboa *Siulno (T. E.)*

8) O «*homem*» estava com o *sacho de mondar* a ouvir o *padre.* 1-2.

Coimbra-Olivais *John Biffe*

9) A tua *presença* aqui dá-me vontade de atirar com êste *bispote* e ainda por cima com a *madeira da Índia.* 2-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

10) Esta *formosa* mulher é *possuidora* desta *planta medicinal.* 2-2.

Lisboa *Sholnus Herboek*

11) O *cacete* serve-me para transpor êste *rio português*, apesar de *vagaroso.* 1-2.

Lisboa *José de Azevedo e Silva*

12) É ser *violento* dizer mal de «*Lisboa*» só porque nela se praticam actos de notável *bravesa.* 1-2.

Lisboa *Néné*

13) Lá por uma pessoa *não* ser *erudita* não quere dizer que seja *ignorante.* 1-2.

Coimbra *John Biffe*

14) *Amor* de mãi!... *Amor* sem rival! *Amor* do mais puro! 1-2.

Vila de Rei *Dóris I*

SINCOPADAS

15) *Oia!* Estás na horta e nem as couves *vês!* 3-2.

Albergaria-a-Velha *Olegna*

16) Aos ilustres confrades envio um *amplexo* com *fôrça.* 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

17) O pão *que fermentou* deixou o padeiro muito *contente.* — 3-2.

Lisboa *Ramon Lácrimas*

18) É *antigo* o *direito de recusar uma lei votada pelo parlamento.* — 3-2.

Lisboa *Até Hoje*

19) *Por acaso* era uma *história* sem importância. — 3-2.

Lisboa *Al. Sousa*

20) É com *finura* que se pode arrecadar *as fôlhas sêcas dos alhos.* — 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

21) *Vou ver* se o *alimento* é bom. 3-2.

Vila de Rei *Dóris I*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

NOTICIAS DA QUINZENA

Festejando o 6.º aniversário da investidura do sr. dr. Oliveira Salazar na Presidência do Conselho realizou-se uma sessão solene no Teatro da Trindade que foi vibrante de entusiasmo e de fé patriótica. A' direita: o sr. ministro da Justiça presidindo à sessão.—Em baixo: trechos da assistência

Em Alverca foi inaugurada a Escola de Aviação Civil «Salazar» com a assistência das entidades oficiais. A gravura acima apresenta o sr. capitão Humberto da Cruz com os instrutores e alunos da Escola

A MODA DO LENÇO À ALDEÃ

UMA *surpresa provocada por uma grande novidade: o lenço pôsto na cabeça à aldeã, que está agora em moda como complemento da* toilette *feminina para o desporto.*

Não lhes parece interessante, minhas senhoras?

Já lá vai o tempo das longas écharpes *de gaze que as loiras misses, nem sempre risonhas, exibiam nos seus longos passeios de automóveis primitivos. Envolviam rosto, pescoço, chapéu, e tudo, dando a impressão de múmias faraónicas e sem a graça do véu usado pelas mulheres moiriscas.*

Tudo passou — e ainda bem.

Hoje tudo se consegue com singeleza e encanto.

O lenço posto na cabeça à aldeã! Assim, qualquer senhora poderá conduzir o seu automóvel, mesmo com o pare-brise *baixado, sem que o seu penteado se desmanche.*

É nesta altura que a Moda surge a operar prodígios com a sua varinha de condão, apresentando lindos lenços em boa sêda, com os mais originais desenhos e com as côres mais garridas.

Desta maneira, uma senhora, mantendo a linha de autêntica sportwoman, *poderá escolher o costume da província portuguesa que mais lhe agrade, e sempre no mais absoluto rigor da moda.*

Ninguém virá dizer que não soube interpretar por motivo do complicado desta criação. Mais singela, mais simples e mais compreensível não poderia ser.

A propósito, citaremos o exemplo de uma senhora que aprendeu a andar de bicicleta, num esfôrço de algumas horas, — durante uma única lição.

Ao primeiro trambulhão, raciocinou desta maneira: — Pois se qualquer aldeão obtuso anda de bicicleta, porque não hei-de eu andar também?

E, com mais duas voltas e três trambulhões, acabou por alcançar o domínio do equilíbrio, podendo dizer-se que hoje é um gôsto vê-la passar vertiginosamente, negando a lei da gravidade estabelecida por Newton e outros que nunca souberam compreender as delícias e os desaires do ciclismo.

Ora, o nosso apropósito visa apenas mostrar a singeleza da moda do lenço pôsto na cabeça à aldeã, visto que qualquer rapariga da aldeia o usa sem dar por isso.

Está, portanto, ao alcance de todos.

Na sua simplicidade original é que reside todo o seu encanto.

A GRANDE ESTAÇÃO

A maior novidade desta estação são os tecidos com riscas que dão lindíssimos aspectos, quer em vestidos ligeiros, quer nos de grande *toilette*.

Os tecidos de pintas, que tão grande furor fizeram na Primavera, banalizaram-se de tal sorte; que pode dizer-se terem perdido todo o seu encanto.

Escusado será lembrar que aos actuais tecidos de riscas virá a suceder o mesmo. É que as senhoras, seguindo, a rigor, a disciplina da moda, transformam a primeira criação que lhes apareça num verdadeiro uniforme.

Mas se a moda é assim!

Neste momento, cumpre-nos admirar êsses lindos vestidos que temos ante os nossos olhos. Constam de um longo casaco com as riscas horizontais e de uma saia plissada, de riscas verticais. Para remate, uma gravata feita de flor em organdi. Não se pode dizer que não seja de bom gôsto, e que o criador desta moda não possua excepcionais faculdades inventivas. Temos ainda um lindo casaco castanho com algibeiras bordadas a branco, que consideramos elegantíssimo. Para uma dessas tardes frescas — que as há em pleno verão — êste casaco é de grande utilidade e confôrto, como se calcula.

E para a noite?

Empregam-se lindas *mousselines imprimés* com flores de côres vivas, tule e organdi. E que encantadores são êstes vestidos compridos que podem servir para casino, *garden-party* e jantar!

O que apresentamos nestas páginas é feito de organdi branco, de saia muito rodada, corpinho muito justo e todo enfeitado a barrinhas de veludo côr de rubi. É de uma simplicidade extrema, fazendo realçar a beleza e dando um aspecto juvenil a quem o veste.

Um outro se apresenta: um *ensemble* feito em crèpe preto ou em azul escuro com a frente tôda em *drapées* e um grande ramo de flores, na cintura, prendendo, ao mesmo tempo, a jaqueta.

E a Moda continuará a desenvolver-se através do tempo e do Universo, sempre atraente e sempre original.

Muitas e muitas nos estão ainda reservadas por muito pouco que possamos viver. Ruirão impérios, a carta da Europa

poderá ser modificada mais uma vez, os grandes cataclismos mudarão a face da Terra. Tudo acabará, um dia... Tudo, não. A Moda será eterna... Pelo menos há-de dominar enquanto o Mundo fôr Mundo.

CUIDADO COM A MAQUILHAGEM!

LÁ porque existem toneladas e toneladas de produtos de beleza em tôda a Lisboa, não se segue que a mulher os gaste todos de uma só vez, à semelhança daquêle enfêrmo que ingeriu, duma golada, uma garrafa de remédio que deveria tomar às colheres.

A mulher deve pintar-se, é certo, mas sem perder o seu encanto natural. Não repararam ainda no *charme* irresistível que uma senhora apresenta em qualquer reünião, mostrando-se maquilhada tão discretamente que não perdeu o seu encanto natural? Entre tantas senhoras excessivamente maquilhadas, essa mostra-se bela, deliciosa, atraente, porque evitou dissimular o aveludado da sua cútis com espessas camadas de *rouge*.

Devemos lembrar ainda outro preceito. Não devem maquilhar-se para fazer desporto. Nenhuma mulher de bom gôsto comete o êrro de aplicar *rouge* quando vai jogar o *tennis*, quando dá um passeio de bicicleta ou quando se entrega às distracções venatórias.

Há senhoras que têm tão inveterado o hábito do *rouge* e do *noir* que não poderiam suportar a ideia de mostrar a sua face ao natural.

Achamos bem que a mulher faça a sua maquilhagem para a sua vida habitual, mas aconselhamos que se abstenha de a fazer para o desporto, porque é inútil e supérflua. Reparem em que nenhum desportista apreciará a companhia de uma mulher maquilhada.

Em pleno campo, na praia ou na serra, a Natureza encarrega-se de dar à mulher o necessário encanto natural sem haver necessidade de recorrer a qualquer artifício.

E, assim, a mulher tôda entregue à sua graça própria, em contacto com a Natureza que tudo anima, terá, sem postiços, os mesmos atractivos que, em plena cidade, com todo o seu *rouge* posto.

Supomos que não nos levarão a mal êste conselho, tanto mais que é ditado no próprio interêsse das nossas queridas leitoras, seguindo aquela célebre divisa: *por bem!*

CONSELHOS OPORTUNOS

Horror à velhice! — Ter vinte e três anos — a primavera da vida — e ter mêdo de envelhecer! Não tenha receio. Pois supõe que quando, um dia, tiver trinta anos, possuirá menos encanto? Estou plenamente persuadida do contrário. Nessa altura estará melhor do que nunca, e não terá saüdade — acredite! — dos seus vinte e três anos. O que é preciso fazer para que esta profecia se cumpra? Muito pouco, quási nada: cuidar da pele. Viver o mais possível ao ar livre, a fazer desporto. É esta a melhor maneira de ficar jóvem indefinidamente. Siga êste trilho, e não se entristeça a contar rugas imaginárias.

Desolada — Não se apoquente que tudo tem remédio. O seu acne pode curar-se mais fàcilmente do que imagina. Conhecemos casos de cura por meio de aplicações de Pulcrema (hermonas vivas) conjuntamente com tratamento interno de extracto ovárico. É necessário ter o máximo cuidado com a alimentação: poucas carnes e nada de excitantes da epiderme, como mariscos, picantes, vinhos, etc. Em resumo: Uma vida higiénica, exercício físico, desporto moderado e uma alimentação racional de peixes, carnes brancas, e principalmente legumes e frutas.

Menina Bucha — Fazer cultura física não basta; é preciss saber fazê-la. Se faz exercício físico durante vinte minutos; e com a maior actividade, evidentemente que transpira, e isso faz-lhe perder pêso. Muito bem.

Mas se, após o exercício que lhe abriu o apetite, entra a comer que nem uma lôba, então não sairá nunca do círculo vicioso em que se colocou. É forçoso adoptar um regime, e assim conseguirá perder os catorze quilos que tanto a apoquentam. Não se esqueça da máscara da clara de ovo, que consiste em aplicar a

clara, no rôsto, tal qual ela sai do ovo, e conservá-la durante vinte minutos. Assim, terá o que deseja.

Arlette — Lamenta-se de não receber notícias do seu noivo que, tendo atravessado o mar, nunca mais lhe escreveu?

Não se preocupe, e deite o coração ao largo, mas não tão longe que vá parar à América onde o ingrato se encontra. Se êle a esqueceu por outra, não tem de que se queixar, pois avisou-a lealmente do que lhe viria a suceder, um dia, quando já não houvesse remédio.

Rugas aos vinte anos! — Declara ter rugas quando ainda não completou os vinte anos! Não desanime. Isso sucede algumas vezes, mas não se segue que sejam já as rugas da velhice... Quando surgem êsses casos de rugas em volta duns olhos juvenis, é uso recorrer-se a um creme próprio. Mas, antes de tudo, deve ir já a um médico especialista de olhos verificar se não será míope. Há exemplos de muitas criaturas que sofrem de miopia sem o saber, franzindo os olhos para ler ou para fixarem melhor. Ora, isto traz, como se compreende, a lassidão da pele.

RECEITAS CULINÁRIAS

Cogumelos no espêto — Limpam-se com o maior cuidado, cortando-se-lhes os pés em bocadinhos, e depois de passados por azeite juntam-se-lhe dois dentes de alho e miolo de pão. Junta-se em seguida a esta massa um pouco de vinho branco, indo depois ao lume.

Após serem bem lavadas, enfiam-se no espêto as cabeças dos cogumelos e assam-se nas brasas. Servem-se em seguida com o molho anteriormente preparado.

Trutas ao bleu — Tomam-se as trutas, abrem-se e lavam-se o mais ràpidamente possível. Mergulham-se em seguida numa calda assim preparada: meio litro de vinho tinto, outro tanto de água, uma colher de sôpa de vinagre, um pouco de pimenta, e sal quanto baste. Deixe-se ferver cêrca de dez minutos. Tiram-se as trutas da fervura e junta-se-lhe manteiga que anteriormente se derretera.

MARIA DA GLÓRIA

FIM DE FESTA

Triste fim dum sábio

Lamarck, o grande naturalista francês dos fins do século XVIII, que iluminou de luz viva a história da evolução, morreu cego e na miséria. O trabalho prolongado à lupa e ao microscópico foi-o, a pouco e pouco, privando da vista, até que o mergulhou na mais completa cegueira. Os dois últimos volumes «Histoire des animaux sans vertèbres» fôram escritos, ditando-os êle a sua filha Rosália, que lhe consagrava a maior das devoções.

Teve Lamarck uma velhice penosa. Cego e esquecido, passou os seus últimos dias recolhido na sua humilde casa, fustigado pela miséria física e pela dôr moral de ver as suas teorias filosóficas àsperamente recebidas. Morreu em extrema pobreza, não tendo sua família podido inhumar separadamente os seus despojos, que se perderam.

Os seus manuscritos, apontamentos e colecções fôram vendidos ou perderam-se, escapando apenas notas de menor importância e uma dezena de cartas.

Um lavrader de Kitzlegg, no sul da Alemanha, possue uma galinha tão bem educada que só põe ovos na sala da casa do dono. Todos os esforços empregados para conseguir que os ponha na capoeira têm sido baldados.

Bridge

(Problema)

Espadas — 8, 5, 3
Copas — 3, 2
Ouros — 9, 2
Paus — 3, 2

Espadas — 7, 4	**N**	Espadas — — — —
Copas — R.		Copas — V. 10, 9, 8
Ouros — 8, 7, 6, 5, 4	**E** **O**	Ouros — R. D. V.
Paus — A.	**S**	Paus — R. D.

Espadas — 6, 2
Copas — A. 6, 5, 4
Ouros — A. 10, 3
Paus — — — —

Trunfo espadas. **N** joga e faz 8 vasas.

(Solução do número anterior)

O joga V. *c.* e **N** A. *c.*
(a) **N** joga V. *p.*, **E** D. *p.*, **S** 3 *c.*, **O** 7 *p.*
S joga R. *c.* e 4 *c.* entrando **N** com R. *c.*
N joga A. *p.*, R. *p.* e 3 *c.*, baldando-se **S** a 3 *o.*, 4 *o.* e cortando o 3 *c.*
S joga A. *e.* e 6 *e.*
Qualquer carta a que **O** se balde, firma o 4 *c.* ou 6 *p.* de **N**, ou as cartas de ouros de **S**, cumprindo o chelem.
(a) Se **E** não entra com D. *p.*
N joga V. *p.*, **E** cede e **N** joga A. *p.*, R. *p.* e 6 *p.* que **S** corta, tendo-se baldado antes a cartas pequenas de ouros.
S joga R. *c.*, continuando o jôgo como anteriormente.

Parentêscos

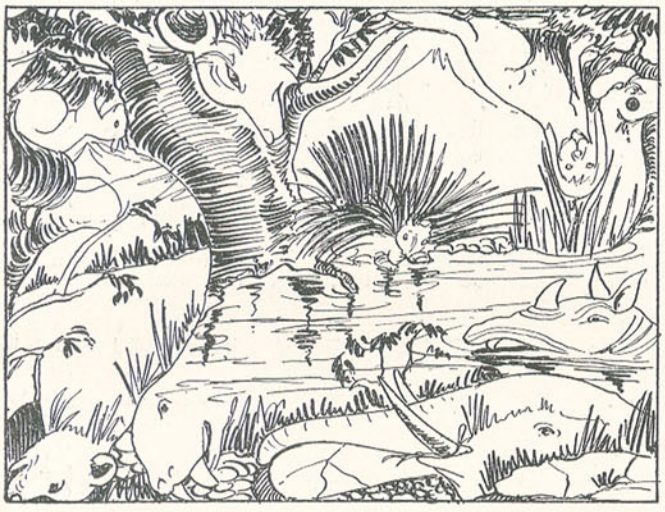
(Solução)

A Ester era bisavó da Henriqueta. A linha descendente era a seguinte:

Ester — Amélia — Emília — Henriqueta.

Quantos bichos são?

(Passatempo)



Grande quantidade de animais bem diversos aqui estão representados. Não é difícil encontrá-los a todos, e se não há engano, devem ser uns nove.

A água

O que custa mais caro de tudo que nos serve de alimento é a água. Quando compramos um quilo de carne de vitela ou de carneiro, na realidade adquirimos 250 gramas de carne porque 750 gramas são de água. A carne do peixe, que é muito alimentícia, contém maior proporção aquosa, quer dizer, 770 ou 780 gramas por cada quilo.

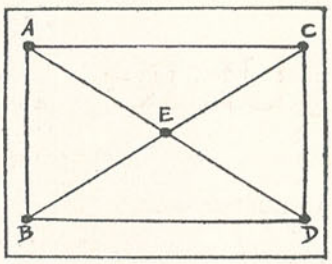
O leite apenas tem 120 gramas de matéria nutritiva por litro; o resto é água.

Enquanto aos legumes, a proporção é mais surpreendente: 10 quilos de batatas contém 8 de água; e 10 quilos de couve ou de outra hortaliça, dão 9 de água.

E' tudo água!

O caminho mais curto

(Problema)



No presente diagrama estão marcados cinco pontos: um a cada canto dum rectangulo e outro exàctamente no centro dêsse mesmo rectangulo.

Trata-se de partir do ponto A, passando por cada um dos outros uma só vez, e voltando novamente a A. Há dois caminhos, sendo um dêles A C D E A B e o outro A C D B E A.

Não esquecendo que o ponto E, fica à mesma distancia de cada um dos outros quatro pontos, o que se deseja saber é qual dêsses dois caminhos é o mais curto e a razão porquê?

Em Inglaterra, todos os personagens de Walt Disney se teêm tornado em brinquêdos mecânicos. E têem adquirido uma voga enorme.

Do afamado rato Mickey, então ainda, fizeram melhor: fizeram dêle esponjas de borracha.

E é moda oferecê-las de presente a amigos e conhecidos!

Os primeiros traços históricos de mobiliário encontram-se no Egipto, quando a civilisação estava em pleno apogeu quando a Europa não era ainda habitada senão por povos sem homogeneidade etnica. Os leitos egipcios ricos eram suportados por pés de leões, de chacais, de touros ou de esfinge; as cadeiras e os tamboretes ornados de garras e de pernas de animais, etc.

Multiplicação

(Solução)

1 2 3 4 5 6 7 9 × 9 = 1 1 1 1 1 1 1 1 1

— Ensino-lhe com todo o prazer e dentro de pouco tempo a nadar ao cima de água. Mas, primeiro, tenho de ensinar minha mulher a nadar debaixo de água. — (Do *Tit-Bits*).

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CRIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Uma boa colecção de livros de grandes autores dá categoria a quem a possue

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas que denominou

Crediário Cultural

Por êste sistema, — novo processo de vendas adoptado nalguns países da Europa e especialmente da América, — contribue-se para a cultura dum povo, facilitando-se a aquisição das obras dos mais notáveis autores.

Prestações mensais desde vinte e cinco escudos, segundo a importância da compra, **sem fiador, sempre com a bonificação do sorteio e com direito à escolha de obras mencionadas em catálogo especial.**

O comprador favorecido com o sorteio não paga mais nada, saldando assim a sua conta apenas pelo que tiver pago.

Peçam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.
6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
9 — 1.ª parte — *América do Sul* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
14 — 1.ª parte *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.
25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.
28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
42 — **O raio verde,** trad de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.
45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.
50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.
55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.
Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.
60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.
65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.
72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.
75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.
76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos 1 vol.
80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
81 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
82 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

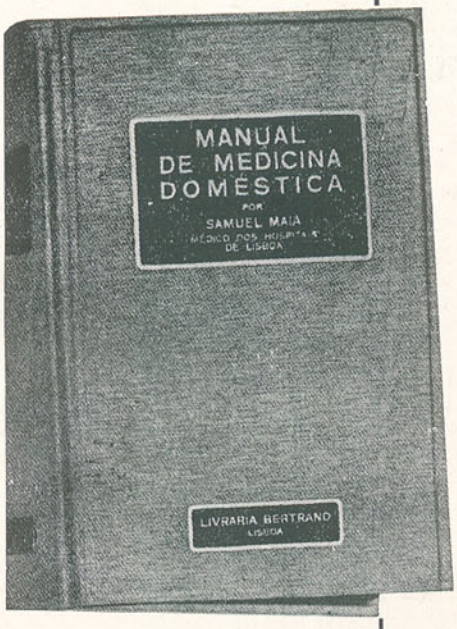
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente.** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

Venda a prestações contra entrega imediata da obra.

O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA